GRITO DE ALARME
Ante um insulto infernal contra o culto da Virgem Imaculada

Aos leitores

Por que este grito de alarme?
Filhos da Virgem Imaculada, julgai vós mesmos. Percorrei nestas páginas e dizei-me em seguida se não era necessário e oportuno elevar a voz e descobrir um trama horrível que o inferno teceu contra nossa Mãe Celeste.
Começando estas linhas não posso dizer outra coisa senão para explicar a marcha que quero seguir, e que até mesmo ainda ignoro, senão confessar que meu coração está inundado, minha alma transborda e que é preciso que se desafoguem por meio desses brados pressurosos, sem ordem talvez, mas que jorram da mais íntima de minhas convicções de cristão, de sacerdote e de missionário.

Capítulo I
O reino de Jesus por Maria

A divina Mãe de Jesus reina hoje de um mar a outro. Não há país, iluminado pelo sol, onde o nome de Maria não seja invocado e onde o seu amor não faça bater os corações.

Maria triunfa e, por Ela, o Coração de Jesus é exaltado, adorado, amado apaixonadamente.

Quando a porta do Tabernáculo se abre, o adorável e meigo prisioneiro vê e sente de perto de seu coração milhares de corações que exultam e respondem a seus convites amorosos, pela palavra de São João: “Veni Domine Jesu” Senhor Jesus, vinde!

Ó Divino triunfo! Ó alegria delirante para um coração sacerdotal ver seu Deus, seu Salvador e seu Pai, amado e exaltado e em toda parte!

E de onde vem este triunfo?

A resposta é fácil e clara aos olhos. Jesus triunfa porque: Maria reina! Jesus é amado e amado apaixonadamente porque os corações estão entusiasmados pela Virgem Mãe.

A Santa Hóstia, sob a bendita e tão santamente paternal mão, do nosso muito amado Pai Pio X, do Cristo visível de Roma, a Santa Hóstia irradia nos corações, penetra nas almas, levanta os espíritos e faz repetir cada dia a milhares de cristãos a palavra do centurião do Evangelho: “Domine non sum dignus!”

E este brado se expande hoje tanto dos lábios da criança como do peito do velho. Na boca de um é o esplendor da inocência, na língua do outro é a expansão de humildade e de confiança. E a um, Jesus diz a vida é curta; ao outro, a eternidade se aproxima!

Ó doce triunfo do Coração tão amante e tão divinamente amável de Jesus Cristo!

As associações do Coração de Jesus, da hora de guarda, da Comunhão reparadora, do Apostolado da Oração, das almas adoradoras e vítimas, etc., tomam uma extensão e uma força de ação inaudita: é como a palavra de ordem do divino Salvador, grupando ao redor de Si tudo o que há de puro, de nobre, de generoso.

Mas antes de chegar aos corações, antes de ressoar nas almas, esta ordem passou pelo Coração de Maria e foi de lá que se difundiu. *Ex qua mundo lux est orta!*

É a Virgem que traz a bandeira do Sagrado Coração, convidando com o olhar, com a voz e com o gesto a seguila, a caminhar sobre os seus passos. E o mundo se abalou, se entusiasmou; seguiu e segue Maria...

Não há país, iluminado pelo sol, onde o nome de Maria não seja invocado e onde o seu amor não faça bater os corações.

Capítulo II
A Virgem e o Império de Satanás

Mas ao longe na sombra, na lama, alguém surge, uiva de ódio, de raiva e de despeito concentrado. Sente o calcanhar da mulher bendita lhe calcar e esmagar a cabeça. Sente que é chegada a hora das grandes lutas e removendo sua imundície tenta enlamear o manto cândido e original de Maria. E não podendo Nela tocar, tenta mordê-la no calcanhar, na pessoa daqueles que a seguem. Ó infame! Vede-o atravessando o mundo, tentando, mentindo, blasfemando; ora sob uma forma tão horrível como sua malícia, ora transformado em anjo de luz, seduzindo, sob pretexto de piedade bem regulada, almas simples, cândidas e inexperientes. E para atingir a este fim todos os meios lhe são bons.

Derrama o seu veneno nos vasos mais ricos e mais atraentes.

Fascina e deslumbra os ambiciosos, exalta os orgulhosos, lisonjeia os fracos; seduz os ignorantes e até mesmo tenta sob pretexto de ciência, cegar àqueles que são destinados a serem a luz do mundo. Não é esta a história do modernismo, tão justamente condenado por Pio X?

O modernismo não é um simples erro de doutrina, é um verdadeiro feixe de erros; é a heresia-mãe contendo no seu seio todas aos heresias do passado e renovando-as sob uma forma nova, forma que se diria ser como um último esforço do inferno contra a Igreja de Jesus Cristo, que se chamou a “verdade”. Mas como Jesus Cristo é

um composto inefável de duas naturezas, a heresia, apesar de suas mil formas diversas, ataca o Salvador em uma de suas naturezas. Mas não notais logo o papel da Virgem-Mãe? Ela é o martelo que esmaga a cabeça de um e de outro erro.

Que coisa mais clara, mais forte e mais lógica que este simples argumento?

Jesus Cristo é homem desde que nasceu de uma Mãe.

Jesus Cristo é Deus, por que nasceu de uma Virgem.

Jesus Cristo é Deus e homem, visto que nasceu de uma Mãe –Virgem.

É o raciocínio de Santo Inácio, discípulo de São João; discípulo de São Justino, de Santo Irineu, de Tertuliano, de Clemente de Alexandria, de Orígenes, etc.

Eis aí porque se pode dizer que Maria exterminou todas as heresias. Esta asserção é histórica e dogmaticamente verdadeira. É sempre a realização das palavras dos primeiros dias:

"Eu porei inimizade entre ti e a mulher. Ela te esmagará a cabeça".

Visto isto, admira que o demônio concentre todas as suas forças contra essa Virgem bendita, que procure afastar dela as almas, que falsifique as noções verdadeiras de uma sólida devoção para com Ela?

Este mesmo ataque contra o culto de Maria nos mostra logo a fraqueza de Satanás diante desta Criatura bendita e o anúncio de salvação que nós temos entre os braços de nossa Mãe.

Hoje o culto de Maria está tão universalmente propagado e produz em toda a parte frutos tão abundantes e tão visíveis de santidade que, querer atacar seu edifício ou diminuir seu esplendor, seria um trabalho inútil e uma obra condenada ao insucesso...

Não, não, o demônio não conseguirá afastar as almas de Maria; não lhes inspirará de não amar a Virgem; mas lhes inspirará que há excesso na sua confiança, no seu amor, no seu entusiasmo por Ela. Sugerirá-lhes de ser mais moderado, de se conter no que ele chamará a justa medida, a medida razoável. E principalmente nada de entusiasmo. O entusiasmo é loucura; é preciso prestar a Maria o culto que lhe é devido, mas não se afeiçoar assim a Ela, não se apaixonar por Ela, para não amar mais à SSma Virgem do que ao mesmo Deus.

Não é verdade que esta linguagem é capaz de induzir ao erro as almas mais simples? Há nestas palavras um veneno do inferno, mas tão cuidadosamente encoberto sob as flores, que parece ser o suco natural da planta.

Amai a Maria, mas não a ameis demasiadamente; não ides muito longe, até mesmo pode haver pecado em amar tanto a SSma Virgem, pois nós só devemos amar a Deus de todo o nosso coração (proposição que ouvi ensinar de viva voz e que refutei no mesmo instante.) Tais asserções sob a forma da ortodoxia, além de sua importunidade, encerram um veneno perigoso que, sob pretexto de moderar os fiéis no seu amor para com Maria,o envenena na sua origem, perturba as almas simples e expele dos corações um dos elementos mais eficazes da santidade: o transporte, a paixão, o entusiasmo pelo objeto de seu amor.

Eu não quero retomar aqui uma a uma essas asserções; já as refutei noutra ocasião.

(*Ver nossas obras: Porque amo Maria – Como amo a Maria –O segredo da Vida de Intimidade com Maria e outras);* contento-me de lhes opor a verdade. Diante da luz de uma sã teologia elas cairão por si mesmas. Façamos esta simples pergunta:

Maria pode tolerar o erro no seu culto?

A resposta nos fará compreender o ridículo e o perigo desses devotos que o Bem-aventurado de Montfort qualificou de “devotos críticos”.

Não, não, o demônio não conseguirá afastar as almas de Maria; não lhes inspirará de não amar a Virgem; mas lhes inspirará que há excesso na sua confiança, no seu amor, no seu entusiasmo por Ela.

Capítulo III
O excesso no culto de Maria

A Virgem Imaculada venceu o espírito de mentira; Ela extirpou as ervas venenosas do erro; é o ensino da história. Mas como se poderia acusá-la de usurpar para Si mesma um culto e honras acima de seu mérito, acima de sua condição de criatura? É impossível Maria fica e ficará sempre a humilde e dedicada serva do Senhor! Precisa repetir o que todos sabem: que nós não reconhecemos senão um único medianeiro necessário, entre Deus e os homens: Jesus Cristo, Deus e homem; que por conseqüência Maria não é uma medianeira necessária, merecendo pelas forças de sua natureza; mas uma medianeira de intercessão, por vontade de Deus.

Maria não é absolutamente uma deusa e não tem nenhum direito ao culto supremo de latria devido só a Deus. Mas quem pensa entre nós adorar a humilde Virgem? Ela é grande, é poderosa, nunca será honrada tanto quanto o merece, tanto quanto Deus a honra e quer que a honremos; mas Ela é criatura, pura criatura; deve toda essa grandeza não a excelência de sua natureza, mas à liberalidade de Deus e aos muitos de Jesus seu Filho. Visto que o culto de latria ou de adoração não convém senão a Deus só e que a Mãe de Jesus não tem direito senão ao culto de hiperdulia, pode-se exagerar, pode-se amar demasiadamente a SSma. Virgem?

Não, é absolutamente impossível O amor devido a Maria distingue-se de um modo essencial de um amor devido a Deus e ao mesmo tempo em que fica na sua esfera, nas suas atribuições próprias, é impossível ser

exagerado. Em outros termos, contanto que não façais de Maria uma divindade, o excesso é impossível. Amai, amai ainda mais, amai apaixonadamente, morrei de amor por Maria. Bem-aventurada sereis. Vossa coroa, será grande no céu!

Temeis talvez que Jesus Cristo fique com ciúme do amor que se testemunha a sua Mãe?

Ah! Para que fazer esta injúria a Deus? Seria atribuir-lhe nossas miseráveis e baixas paixões. Não, não... mil vezes não! Maria não intercepta nosso amor que deve se dirigir a Deus, Ela é o seu canal, a via e como diz muito bem o Beato de Monfort, cada vez que nós chamamos: Maria, a humilde Virgem Maria repete: Jesus!

Ela é como o eco de Deus. Ide almas cândidas e puras, ide lançar-vos entre os braços da divina Virgem, daí-lhe o vosso coração, vossa alma, vossa vida inteira e tereis encontrado com o coração de uma Mãe, o coração do próprio Deus.

Ide almas cândidas e puras, ide lançar-vos entre os braços da divina Virgem, daí-lhe o vosso coração, vossa alma, vossa vida inteira e tereis encontrado com o coração de uma Mãe, o coração do próprio Deus.

Capítulo IV
O Culto insuficiente de Maria

O excesso não é pois para temer. O que se deve temer é o ficar aquém das homenagens que lhe são devidas. Ah! Isto acontece muitas vezes. Muitas pessoas, muitos autores mesmo, com muito medo de ir muito longe, de exagerar as prerrogativas da divina Virgem, contêm-se em uma reserva de expressão toda prejudicial à glória e ao poder da Mãe de Deus, à confiança sem limites e ao amor sem medida que devemos ter para com Ela.

Fazem de Maria uma grande santa, a maior das santas, sem dúvida, mas não a elevam acima desta glória. Ora digamos desde já, que este culto é anti-teológico, anti-cristão e também injurioso a Jesus e Maria. Qual Maria, a Filha do Eterno Pai, a Mãe de Jesus Cristo, a Esposa do Espírito Santo, a Rainha do céu e da terra seria apenas uma grande Santa?

Ela que encerrou em seu seio a mesma divindade; que nutriu com seu sangue o Filho de Deus feito homem; que, única entre todas as criaturas, foi concebida sem pecado; Ela que é a grande maravilha de Deus seria apenas uma simples santa?

Mas, quando é que uma Rainha não está acima de seus súditos?

Quando a Mãe de um Rei torna-se igual aos servos de seu Filho?

Então, todo o poder do Altíssimo não pôde produzir senão isto!

O *"fecit mihi magna qui potens est"* tão solenemente cantado por Maria mesma, consistiria somente em um pouco mais de virtude, em um grau um pouco mais elevado de santidade? Mas, por favor, calai-vos; isto é uma blasfêmia!

É arrancar da fronte da Imaculada, o diadema que nela pôs a mão do mesmo Deus. É rebaixar o que Deus pôs no mais alto dos céus.

E tudo isto pelo temor de ir demasiado longe! Ah! Se os Agostinhos, os Crisóstomos, os Ambrósios, os Gregórios de Nazareno, os Cirilos, os Damascenos, os Atanásios, os Epifânios, os Efrênios, os Ligórios e os outros Padres, pudessem ouvir tais blasfêmias, se revoltariam na sua tumba, sacudiriam o pó que lhes cobre os ossos, e viriam esbofetear o infame detrator da Mãe de Deus!

É a ignorância sem dúvida que obra assim. Esta pode ao menos desculpar os fautores, mas saibam eles que estão no erro, que sua obra é anti-cristã, que sua doutrina é deletéria, e que em vez de serem coadjutores de Deus, são o apoio de Satanás.

É dizer demais? É censurar muito asperamente o que têm a coragem de diminuir nas suas almas o esplendor do culto de Maria, de impedir os corações de se inflamar, de se apaixonar pela mais santa das causas!

Não, não, não é demais; um dia o Altíssimo terá para eles uma sentença mais formidável, porque não deixará impunes os detratores de sua terna Mãe!

Para maior clareza precisamos ouvir em todo o seu rigor teológico o culto da Bem-aventurada Virgem Maria,

• O culto de latria, só é devido a Deus.

• O culto de hiperdolia é devido a SSma Virgem.

• O culto de protodulia, é geralmente atribuído a São José.

• O culto de dulia é devido a todos os Anjos e Santos.

Esses termos são fáceis de se compreender:

• Latria – significa: servidão, sujeição devida só a Deus.

• Dulia _ significa: serviço honorário, devido a todos os santos.

• Hiper _ significa: acima e proto o primeiro.

O culto de Maria está acima do de todos os santos; poderíamos dizer infinitamente acima, pois que resulta de sua dignidade de Mãe de Deus, que é infinitamente superior a dos santos.

Maria, efetivamente, pertence à ordem da união hipostática, ordem que nada tem de comum com a dos santos. O culto de Maria sem ser um culto de latria e sendo como o dos santos, um culto dependente, é infinitamente superior ao que se rende às outras criaturas. Não é um culto de dulia, não é um culto de latria; é um culto de hiperdulia, isto é, entre os dois: é o culto da Mãe de Deus, enquanto que todos os outros santos são apenas servos de Deus.

Só atribuir a Maria o culto de protodulia, isto é, como sendo a primeira entre os santos, da mesma maneira como se atribui a São José; é um verdadeiro erro e uma injúria a Mãe de Deus.

Isto posto e compreendido podemos continuar com segurança e tratar enfim diretamente do erro que queríamos assinalar particularmente.

Ela que encerrou em seu seio a mesma divindade; que nutriu com seu sangue o Filho de Deus feito homem; que, única entre todas as criaturas, foi concebida sem pecado; Ela que é a grande maravilha de Deus seria apenas uma simples santa?

Capítulo V
O Modernismo no culto de Maria

Como! O Modernismo se terá envolvido verdadeiramente no culto da divina Mãe de Jesus?

Mostrei precedentemente a ligação estreita que existe entre a verdade e a Virgem Maria. Atacar uma é atacar a outra. O inferno varia seus ataques: ora ataca diretamente a Jesus Cristo, a fim de atingir diretamente a Jesus Cristo, a fim de atingir indiretamente, mas, entretanto de um modo seguro à Virgem Maria; ora ataca diretamente a Maria a fim de destronar seu divino Filho. O modernismo se distingue das heresias passadas no modo de atacar a doutrina, querendo tudo submeter ao critério da razão. É o produto direto do espírito que domina nosso século: o orgulho e a independência. Quer-se julgar, julgar tudo e tudo pesar; não com aquele respeito e veneração que caracterizavam nossos pais, mas com um espírito prevenido e com uma mão brutal.

Compreende-se que o culto da Virgem, dote das almas puras humildes e submissas, não recebe da parte desses críticos, senão um sorriso de compaixão e desdém.

Como não podem atacá-lo diretamente, pois é enraizado no evangelho e deriva de seus dogmas, os mais sagrados; acusam-no de exagerado,de delírio e entusiasmo exaltado,e perde-nos muito cortesmente para usar em nossa devoção de um proceder mais razoável e mais seguro.

Não é isto o modernismo com toda sua força, tão insinuante como traidora; tão deletéria como anticristã?

Ah! dizei-me se não tenho razão de soltar este grito de alarme; e de soltá-lo com toda indignação contra o inferno e seus agentes;e de compaixão por suas vítimas? Sim às armas! Às armas!

Vi levantar-se da sombra a besta do apocalipse... ela perseguia a mulher bendita, procurava aniquilá-la, mordê-la ao menos no calcanhar!

Mas não, não será assim. Nós estamos aqui; nós, seus padres, estamos de pé e a exemplo de nosso Pai Pio X, tão terno e enérgico, estamos prontos à luta, prontos a combater e a morrer.

Não somos nós a vanguarda da Virgem?

Compete-nos receber os primeiros golpes, ser os primeiros combatentes e mostrar à serpente infernal que os filhos da Virgem são seus inimigos natos; e que existe para sempre uma inimizade irreconciliável entre a raça da Imaculada e a raça do inferno.

Terna mãe, contai conosco. Vossa sentinela está desperta... e como a de um grande imperador, intimada a se render, exclama: A guarda morre mas não se rende!

Com o nosso chefe supremo, o infalível Pontífice romano, temos rejeitados, execrado e amaldiçoado o modernismo no seu princípio e em todas as aplicações. Sob qualquer forma que se manifeste, é um inimigo para se combater.

Introduz-se no culto de nossa Mãe, ia dizer, de nossa divina, encantadora e incomparável Mãe.

Ataquêmo-lo, esmaguêmo-lo! E seja tal o seu aniquilamento que nunca mais se atreva a tornar a

levantar-se, nem a manchar com o seu lodo, a cândida e radiosa imagem da Virgem Imaculada.

Ah! A emoção apoderou-se demasiadamente de mim; oprime-me e impede-me quase de raciocinar com toda a calma que pede o exemplo.

Queiram perdoar-me; mas meu coração de filho revolta-se ao pensamento que se ataca minha mãe, e que, sob pretexto bem regular o seu culto, queriam encerrá-lo entre grades de ferro, feitas para lhe tirar todo o desenvolvimento e por conseqüência para matá-lo. Mas precisemos claramente os princípios do erro e ataquêmo-los logo com toda a indignação que merecem.

Queiram perdoar-me; mas meu coração de filho revolta-se ao pensamento que se ataca minha mãe, e que, sob pretexto bem regular o seu culto, queriam encerrá-lo entre grades de ferro, feitas para lhe tirar todo o desenvolvimento e por conseqüência para matá-lo. Mas precisemos claramente os princípios do erro e ataquêmo-los logo com toda a indignação que merecem.

Capítulo VI
Princípios do erro

Combati há alguns anos, com a palavra uma doutrina envenenada que encontrei em diversos lugares, e que, com os meus próprios ouvidos, ouvi ensinar na França, na Bélgica e na Alemanha.

Doutrina professada por sacerdotes de boa vontade sem dúvida, mas insuficientemente esclarecidos sobre a matéria.

Filósofos doutores mesmos, são do partido, e usam da influência que a ciência lhes dá para inculcar nos outros esses princípios heterodoxos.

O povo, com efeito, não sabe distinguir assim entre a ciência em geral e a ciência de uma matéria.

Parece-lhe que um homem sábio deve saber de tudo. Ora, pode-se ser muito bom em geometria, geografia, matemática e ser uma nulidade absoluta em fato de religião.

Do mesmo modo, pode-se ser versado em Filosofia e mesmo em teologia geral e ser menos que medíocre em teologia mariana,

Os sacerdotes que não conhecem a Virgem senão por meio de algumas noções sucintas que dela lhes dá sua “teologia de seminário”, não conhecem quase nada das grandezas e do poder da Mãe de Deus.

Para conhecer bem esta maravilha de Deus é preciso estudá-la nos santos Padres ou nas teologias marianas,

escritas neste sentido e que esperamos, dentro em breve, vê-las fazer sua entrada nos seminários, como livro clássico, contendo desenvolvidamente uma doutrina que não seja mais permitido ignorar a nenhum sacerdote.

Foi esta falta de doutrina mariana que permitiu ao modernismo introduzir-se nos ensinamentos de alguns deles.

Praza a Deus que esses sacerdotes, por meios de um estudo mais aprofundado sobre a Mãe de Deus, podiam voltar quanto antes a outros sentimentos e a reparar todo o mal que fazem as almas; como também a pena que causam aos corações imaculado de Jesus e de Maria!

Já há algum tempo que eu pensava numa refutação e que foi com este designo que escrevi as obras: *Porque amo Maria e Como amo a Maria*; mas até agora não tinha em mãos nenhum escrito enunciando claramente os princípios deletérios.

Hoje, graças a um amigo, tão zeloso da glória de sua Mãe do Céu, como vigilante de preservar-se de todo erro, possuo uma carta, emanada de uma dessas fontes venenosas, que resume admiravelmente todo o sistema modernista dos adversários da Virgem.

Permitiram-me citá-la aqui, sem mudar-lhe nem uma vírgula.

"Na devoção a Santa Virgem, é preciso evitar dois extremos, dos quais um não é menos pernicioso do que o outro: O racionalismo alemão ou a frieza, e o sensualismo francês.

Mas porque, segundo S. Thomaz, a razão humana é menos corrompida, pelo pecado original do que a vontade,

parece-me que nesta devoção, um procedimento razoável é mais seguro do que este entusiasmo e delírio próprio dos franceses. É verdade que "de Maria nunquam satis". Não se diz facilmente demais, mas muito facilmente se exagera; e, praza a Deus, que muitas vezes, este entusiasmo exaltado ou inchado por Maria não sirva de capa para cobrir uma baixa sensualidade e uma afeição encoberta pelo feminismo eterno. As heresias e os cismas, na Igreja, não foram ocasionados senão porque se insistia muito fortemente sobre um ponto, que em si, era muito bom e justo. Tudo o que tem o direito de ser dito, não tem de ser dito inicialmente, de desalojar tudo o mais".

Eis um resumo e sob a sua forma astuciosa os erros que eu quisera combater. À primeira vista cada leitor não saberá discerni-los, pois o autor desta carta, que não tenho honra de conhecer, não é destituído de conhecimentos. Infelizmente os emprega a serviço de uma causa tão indigna dele, quanto grata ao inferno.

Ainda mais: o estilo destas linhas respira uma sorte de moderação aparente, que ajuda a lançar nas almas a dúvida, a perturbação e finalmente o erro.

Escrevamos até a base os princípios enunciados pelo autor, sondemos o seu veneno, apalpemo-lo, a fim de nos preservar dele e de preservar a todos aqueles sobre quem temos alguma influência, porque é uma questão de vida e de morte no culto e no amor de nossa divina Mãe do céu.

Eu não relevo as contradições dessas linhas; são flagrantes, mas isto é uma questão acessória.

Confessando que: de Maria nunguam satis, que não se diz demasiado, facilmente, falando de Maria, o autor acrescenta: que facilmente se exagera.

Pergunto, como se pode exagerar sem dizer demasiado?... a exageração já é demasiada!

Mas, o que eu queria examinar em primeiro lugar, era a distinção que ele faz entre os dois extremos da devoção, que explica mal e depois a acusação de entusiasmo e delírio próprios dos franceses.

O mais decorrerá desses princípios.

Os sacerdotes que não conhecem a Virgem senão por meio de algumas noções sucintas que dela lhes dá sua "teologia de seminário", não conhecem quase nada das grandezas e do poder da Mãe de Deus.

Capítulo VII
O racionalismo alemão

Antes de tudo, o que é racionalismo alemão? Peço desculpa deste termo, que só o cito porque o autor da carta o emprega. Tendo visto de perto a juventude alemã, posso assegurar que ela é tão susceptível de entusiasmo, principalmente pela SSma Virgem, como a juventude francesa. Entretanto, é verdade que o caráter alemão, calmo, tenaz e ativo, tem propensão notável para o raciocínio.

Quer compreender antes de tudo e não admite facilmente dados sem provas.

Este espírito, contido nos justos limites, é excelente; e devemos reconhecer que, devido a esse espírito, a Alemanha produz obras científicas. Tratando-se, porém de piedade, de vida espiritual, esse espírito raciocinador torna-se menos útil; de ceder um pouco o lugar à graça e ao ensino da Igreja. Digo, um pouco; porque tudo o que a Igreja ensina, tudo o que os Santos e os doutores nos aconselham, é susceptível de passar pelo critério de um raciocínio reto. Na religião há coisas superiores à nossa razão; mas nada há contra a razão.

Mas, o querer raciocinar demais é nocivo, porque o raciocínio dá uma parte muito grande ao lado humano e não deixa bastante liberdade à ação da graça em nós. Deus tem suas razões de agir. Tem seus momentos. Por vezes não compreendemos sua ação em nós. É a ocasião, não de raciocinar, mas de fechar os olhos e continuar o caminho assim mesmo. E quando se trata da

prática da virtude, o raciocínio produz um outro mal em nós; o de nos tirar este impulso, este entusiasmo que se chama (se desgoste por isso o autor da carta) generosidade.

Ora, a generosidade é o sinal da virtude, é a chama do amor; diria voluntariamente que é a grande prova de amor?

Quando se ama não se raciocina, dá-se. Não se repara tanto, para ver se o que se dá é exatamente a medida do que se exige. Dá-se tudo quanto se possui, tudo o que o pode dar, com pesar de não se poder dar mais ainda.

Ora, tudo isto, não é outra coisa mais do que o entusiasmo. Este racionalismo exagerado que o autor justamente combate, mas no qual tem a mesma infelicidade de cair, ele próprio, sem o querer ou sem o saber talvez, é verdadeiramente uma falta, um extremo que se deve evitar.

Capítulo VIII
O entusiasmo francês

Como pelo precedente e pelas mesmas razões, peço desculpa também pelo termo acima. O entusiasmo não é mais próprio aos franceses do que aos outros homens, assim como a santidade não é seu exclusivo apanágio.

É uma qualidade de todas as almas generosas, impressionadas por um ideal, sejam estas francesas, belgas, italianas, holandesas, alemãs ou inglesas.

Entretanto, não o negamos, e até mesmo acreditamos, que o caráter francês, por sua natureza é entusiasta, impelido para a espera do ideal, das grandes e nobres empresas. Pode parecer leviano ou superficial, às vezes, mas está pronto a se decidir facilmente e então, torna-se heróico em audácia e tenacidade.

Mas examinemos de perto este “entusiasmo ou sensualismo francês”. Não distingo bem a ligação dos dois termos ou a semelhança expressa pela palavra “ou”; mas talvez o descubra pesando os termos. Que é pois o entusiasmo?

É um composto de dois elementos, dizem os filósofos: uma idéia e uma chama. Uma idéia fixa, que faz obrar a vontade e uma chama correspondente a esta idéia que se inflama no coração.

Apliquemos esses dados ao culto da Mãe de Deus. A idéia é a beleza, a bondade, a grandeza e o poder da Virgem Imaculada. A chama é o seu amor. A combinação desses dois elementos constitui o entusiasmo.

Contempla-se Maria, admira-se suas perfeições inumeráveis; acha-se ela bela, boa, misericordiosa. Esta idéia nos inflama; amamos a Maria; nos esforçamos por lhe provar nosso amor, procurando comunicar aos outros nossas convicções pessoais; quiséramos inflamá-la, por sua vez no mesmo amor com que nós a amamos.

Daí as obras de caridade, de dedicação e mesmo de imolação. É esta a origem de todas as grandes instituições na Igreja. Todas são obras de um homem possuído de um ideal, entusiasmado por este ideal e procurando realizá-lo, algumas vezes, apesar de muitas dificuldades. Eis aí o entusiasmo.

E agora pergunto: o que pode haver de repreensível neste entusiasmo no serviço de uma causa santa? Dizer que se pode ter entusiasmo exagerado, é o mesmo que dizer que se pode fazer demasiado por Deus e pelas almas. Um dia a Europa inteira levantou-se como um só homem e ao grito de “Deus o quer!” deixou pátria, lar e família, para ir a Palestina, arrancar das mãos mulçumanas, o túmulo de Jesus Cristo.

Era o entusiasmo! A fria razão poderá criticar esta exaltação, mas a religião de acordo com o sentimento dos povos chama-a: generosidade, heroísmo. Eu sei e ninguém o ignora que pode haver desvios no entusiasmo, se não for regulado por uma sabia prudência, ou melhor, pela obediência; mas excessos? Nunca! Nunca!

Enquanto se conservar no seu elemento, isto é, seguindo um fim santo e a realização de um ideal sobrenatural, como é sempre em matéria religiosa, o excesso não é possível.

O que é possível é o desvio. Mas então deixa de ser entusiasmo, e não é mais que exaltação ou alucinação se o quiser.

Contempla-se Maria, admira-se suas perfeições inumeráveis; acha-se ela bela, boa, misericordiosa. Esta idéia nos inflama; amamos a Maria; nos esforçamos por lhe provar nosso amor, procurando comunicar aos outros nossas convicções pessoais; quiséramos inflamá-la, por sua vez no mesmo amor com que nós a amamos.

Capítulo IX
Os dois extremos

Aproximemos agora os dois termos, ou antes, o que o autor da carta chama “os dois extremos”, a saber, o racionalismo na devoção à Santíssima Virgem e o entusiasmo pela Virgem Imaculada e perguntemos com ele para que lado é melhor inclinar.

A resposta que o autor dá, prova claramente que ele se inclina para o racionalismo. Pois bem, está no erro. Se nos é impossível subir muito alto, como já o dissemos nos é perfeitamente possível descer demais. Em baixo há limite, mesmo no abismo, mas não o há no alto, porque Deus é eterno, infinito e nossa alma é destinada a partilhar um dia de sua glória sem fim.

Mas aqui é preciso desmascarar um erro filosófico, importante no resto da carta, o qual faz supor que o seu autor não conhece o valor dos termos: ele apresenta como dois extremos na devoção à Santíssima Virgem o racionalismo alemão e o sensualismo francês ao qual dá o sentido de entusiasmo ou delírio, como tem o cuidado de explicar depois. Ora, nesta mesma explicação e para provar que é melhor inclinar para o racionalismo, ele cita o texto de S. Tomás (ao menos o sentido) dizendo que a razão humana é menos corrompida, pelo pecado original do que a vontade.

Segundo o autor, – o racionalismo seria o fruto da razão humana e o entusiasmo, fruto da vontade. Duplo erro filosófico. O racionalismo é um sistema filosófico que consiste em não admitir por verdadeiro, senão o que a

razão reconhece por tal e em rejeitar até a possibilidade de uma revelação. O racionalismo não é filho da razão e sim do orgulho da razão que recusa se submeter diante do Senhor soberano e nega a Deus o poder e o direito de saber mais que nós. Estas duas coisas são essencialmente distintas. Se o racionalismo fosse um produto da razão, todos seriam racionalistas, mas como é apenas fruto do orgulho da razão, segue-se que só os orgulhos caem nesse absurdo.

Noutros termos: o racionalismo que é a base do modernismo condenado, não é senão o grito do primeiro rebelde, Lúcifer, quando quis se igualar a Deus. Tudo quer compreender; quer compreender tudo o que Deus compreende. Mas então é que, na sua louca exaltação não compreende nada e nem mesmo conhece que não compreende.

Uma razão sã, ao contrário, é submissa a Deus e às leis divinas, reconhecendo sua fraqueza, vendo-se cercada de trevas desde que o pecado original, como que estendeu um véu sobre seus olhos, envolvida de mistérios, desde a abobada do firmamento até a erva que esmaga com os pés e que não é capaz de compreender. Outro erro: o entusiasmo, como já o dissemos, não é absolutamente um produto da vontade. Não tem entusiasmo quem quer tê-lo, nem quando o quer.

A vontade é o desejo razoável do bem percebido pela inteligência, *“nihil volitim nisi præcognitum*”. A vontade não pode deixar de amar o bem: é seu próprio objeto. Pode enganar-se na procura do bem e tomar por bem o que não o é, mas é sempre o bem que ela ama e procura. De onde segue-se que a vontade é serva da inteligência do espírito. Ora, o entusiasmo é antes de tudo uma idéia

precisa, fixa, que nos mostra um bem real, um bem pelo qual nos apaixonamos; que inflama nosso coração, move nossa vontade e põe em nossa alma esta precisa qualidade que se chama entusiasmo. Daí resulta que sendo um produto direto da inteligência, não depende nada da vontade; esta ao contrário depende dele.

É sua serva; serva que poderá resistir, que poderá negar-se à obediência ao espírito entusiasmado, mas que não poderá se isentar de receber ordens e de experimentar a necessidade de cumprir e executar essas ordens. A vontade, com efeito, não procede absolutamente sem motivo, mas nenhum motivo arrasta esta vontade, de maneira que ela não possa resistir por um outro motivo. Assim o entusiasmo é eminentemente razoável, visto que procede da inteligência que é a base da razão humana. É filho da sã razão, como o racionalismo é filho da razão orgulhosa.

Que há de mais razoável para o homem do que impressionar-se, apaixonar-se e entusiasmar-se pelo bem e pela verdade? É a glória de sua inteligência ter sede da verdade; é o poder de sua vontade, prosseguir no caminho do bem. Infelizmente, o pecado original alterou profundamente e desconcertou esta vontade de tal sorte que, como diz S. Paulo: “fazemos muitas vezes o mal que não quiséramos e negligenciamos o bem que queríamos fazer”.

Isto mostra claramente como o entusiasmo e o racionalismo não são dois elementos opostos ou extremos: são dois produtos de uma mesma faculdade. O primeiro da faculdade sã; o segundo da mesma, orgulhosa e rebelde. Parece qual dos dois lados então deve-se inclinar? A resposta é clara: para o entusiasmo se quisermos ficar na verdade!

Capítulo X
A justa medida

Quais são então exatamente os dois extremos que se deve evitar no culto de Maria e qual a justa medida a observar?

Antes de responder peço em primeiro lugar aos contraditores para nos dizer, qual é a justa medida a observar-se no amor de Deus? Pode-se não amar a Deus suficientemente, e ah! É o caso de todos, mas não se pode exceder no amor de Deus. É impossível!

A chama do amor do Serafim, o mais ardente, é infinitamente inferior ao que Deus merece. É o caso de dizer com S. Agostinho: *"mensura amandi est amare sine mensura*". Ora, guardando-se a devida proporção e ficando-se no culto que é seu, no culto de hiperdulia, podemos dizer outro tanto com relação à Santíssima Virgem.

Podemos não amá-la suficientemente e é o caso de todos nós, mas nunca e mais que nunca, podemos exceder na confiança, no amor e no recurso a Ela! É impossível, pois Maria sobrepuja infinitamente a tudo quanto nós podemos testemunhar-lhe. E entre o que nós lhe prestamos e o que ela merece ficará sempre o infinito. O infinito? Não é demais?

Não, esta expressão é rigorosa e teologicamente exata. O culto que prestamos a alguém deve corresponder a dignidade daquele a quem honramos. Ora, a dignidade da Mãe de Deus é infinita. Esta é a expressão empregada pelos teólogos e santos.

São Tomás, o príncipe e oráculo da teologia, sendo interrogado se Deus podia fazer coisas maiores e melhores do que as que fez, respondeu que sim, que o seu poder não tem limites, e que nada o impede de criar mundos maiores, sóis mais brilhantes, estrelas mais numerosas, criaturas de inteligência mais perfeitas.

Todavia, diz o Doutor Angélico, é preciso admitir três exceções: a humanidade de Jesus Cristo, a beatitude celeste e a bem-aventurada Virgem Maria. Estas três coisas, a humanidade de Jesus Cristo, por sua união com a divindade; a beatitude, por ser o gozo do mesmo Deus; e a gloriosa Virgem, por sua qualidade de Mãe de Deus; tiram desta relação imediata com Deus uma certa dignidade infinita.

De sorte que é impossível conceber no mesmo gênero, uma coisa mais perfeita, visto que não há coisa mais perfeita do que o próprio Deus. ("... et beata Virgo, ex hoc quod est mater Dei, habet quandam dignitatem infinitam, ex bono infinito, quod est Deus". S. Thom. I part., q. XXV art VI). Outros teólogos (e fr. Petitalit: A Virgem Mãe, segundo teologia), exprimem o mesmo pensamento dizendo que a maternidade divina é uma dignidade infinita, isto é, a dignidade mais elevada que pode ser conferida a uma criatura, por todo o poder de Deus.

O soberano Pontífice Pio IX na bula: *"Ineffabilis Deus*" repete e confirma a mesma doutrina. Representa a Mãe de Deus como um milagre inefável do Altíssimo; e mesmo como o cúmulo de todos os milagres, por que esta gloriosa criatura, aproxima-se tanto de Deus quanto é possível, elevando-se acima de todos os louvores dos santos e dos anjos.

Estas expressões, por magníficas que sejam, são de rigor teológicos. Com efeito, o que é a perfeição criada?

É uma participação da perfeição divina. Ora, a perfeição divina se comunica às criaturas de quatro modos, produzindo assim quatro ordens diferentes de perfeições criadas.

A ordem da natureza.

A ordem da graça.

A ordem da glória.

A ordem hipostática.

A dignidade mais elevada para uma criatura é a que mais se aproxima da união hipostática, isto é, da união pessoal das duas naturezas, divina e humana. Mas pergunto, pode haver dignidade mais aproximada da união hipostática das duas naturezas de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que a maternidade divina, pela qual é honrada Maria? Pode a Mãe ser considerada numa ordem diferente da que pertence ao Filho? E pode haver quem esteja mais aproximada da ordem constituída para o filho do que a própria mãe?

É o que fez dizer a Soares, e o que é exato, que a maternidade divina pertence a ordem hipostática mesmo, visto ter com esta ordem uma relação necessária.

Tudo isto é teologicamente provado, é a pura doutrina da Igreja, da qual ninguém pode duvidar. Tiremos a conclusão.

A uma dignidade infinita, que culto deve corresponder de nossa parte?... Não temamos. Os princípios são exatos, a conclusão não pode deixar de sê-lo, por sua

vez. Que culto, que honra devemos nós a Maria? Prestai bem atenção, modernistas, racionalistas, vós todos que nos acusais de estender muito além o nosso amor à Imaculada; almas tímidas que sob a influência da doutrina anticristã desses fautores de heresias, temeis cair no excesso, escutai, é o Papa Pio IX que vos responde: *velut – omnium miraculorum apex, oc digna Dei mater extiterit,... omnibus quo humanis quo angelicis præconiis celsior evaserit"*. "Maria, como o cúmulo de todos os milagres, e digna Mãe de Deus, eleva-se acima de todos os louvores dos santos e dos anjos".

Está claro?

E que crítico ousará contradizer esta doutrina?... E agora, qual é a justa medida da devoção a Mãe de Deus? A medida? Mas não existe! A medida! É infinita, visto que a dignidade é infinita... Amai, louvai, glorificai, exaltai a Maria, no tempo e na eternidade. Unam-se todas as criaturas com os anjos e os santos e exaltem e louvem conosco a Maria.

Será um hino magnífico, mas ah! ainda infinitamente inferior ao que merece a Mãe de Deus. Não tenhais receio de ir muito longe, enquanto não fizerdes de Maria uma divindade, não pode haver excesso no vosso culto, nem na vossa confiança, nem no vosso amor para com Ela! Não, não, digam o que disserem os nossos contraditores por essas honras, por esse amor, por esse culto, nenhum limite, nenhuma hesitação.

Todos os lugares e todos os povos honrem a Maria,

Todas as idades a decantem,

Todas as vozes a celebrem,

Todos os corações batam por Ela!

Todos os espíritos a contemplem!

Todas as almas lhe sejam dedicadas!

O encanto, a admiração, o louvor, o entusiasmo, o arrebatamento, tudo se explica, tudo se compreende, tudo é devido a Maria! A terra, os céus, os homens e os anjos, o universo inteiro seja um hino de louvor a maior, a mais incompreensível, a mais amável e sublime de todas as criaturas!

Amai, louvai, glorificai, exaltai a Maria, no tempo e na eternidade. Unam-se todas as criaturas com os anjos e os santos e exaltem e louvem conosco a Maria.

Capítulo XI
O espírito dos santos

Continuemos sempre, caro leitor.

Eis quantos erros, tanto de filosofia como de teologia, já encontramos encerrados nesta carta. Continuemos: eu quisera, não somente sepulta-los sob a terra, mas sobre o seu túmulo ainda fresco, quisera levantar um monumento à gloriosa Mãe de Deus, e nossa toda amável soberana.

Espero ter demonstrado bastante solidamente e de maneira assaz clara que não pode haver excesso no nosso amor a Maria, e que o entusiasmo em seu serviço não somente é permitido, mas é também moralmente necessário, para honrar dignamente esta maravilha das obras divinas.

Quisera mostrar agora, que este entusiasmo é, em verdade, o espírito dos Santos; é principalmente o que os distingue das almas vulgares. O que é um santo? É um homem em busca de um ideal de santidade.

Um homem como nós, mas cativado pela glória de Deus, apaixonado por essa glória, e pondo em serviço dessa mesma glória todas as forças de sua alma.

E como a glória de Deus é para cada homem em particular, sua santificação pessoal, o santo se santifica, arrancando de seu coração e de sua alma tudo o que é contrário a esta glória divina, ao mesmo tempo que se esforça por fazer conhecer e amar pelos outros, o objeto de seu próprio amor.

É com este fim que ele reza, que se mortifica, que se dedica, conforme sua vocação e seus meios de ação. Não há santo sem ideal. Não há ideal sem uma idéia fixa na inteligência, nem sem amor no coração. É preciso antes de tudo conhecer e amar o seu ideal. Ora, nós já o dissemos: esta idéia no espírito e esta chama no coração constituem: o entusiasmo. Por conseguinte, não há santo sem ideal, e não há ideal sem entusiasmo.

É este transporte, este entusiasmo na busca de seu ideal, que impelido a um grau mais intenso, constitui a paixão. A paixão que faz crescer a nossa estatura, que a eleva e lhe dá a coragem, a força, a energia de tudo afrontar-se para atingir o objeto de suas paixões.

A paixão não conhece o impossível, não recua perante o trabalho. Sua divisa é: Trabalhemos mais! Sempre mais a diante! É a fome e a sede da justiça, beatificados por Nosso Senhor a qual ele prometeu o reino dos céus.

Para se verificar este fato, basta um simples olhar sobre a vida dos santos. São Vicente de Paulo, no prosseguimento de sua grande obra regeneradora, sobre uma aparência calma e pacífica, se entusiasmou pela causa dos pobres e foi este entusiasmo que lhe fez executar as grandes e sublimes coisas, que admiramos ainda hoje.

Quanto entusiasmo em São Francisco de Assis por sua cara pobreza: parece não gostar senão dela, não ver senão ela, não viver senão dela e para ela. É o entusiasmo levado à paixão, a mais sublime e a mais santa!

Quanto entusiasmo em São Francisco Xavier pela extensão do reino de Jesus Cristo: só sonha em ganhar o universo à verdadeira religião; e ei-lo aí de pé de dia e de

noite, percorrendo mais de cinqüenta reinos e plantando em toda a parte o estandarte da triunfante cruz.

Quanto entusiasmo em São Francisco de Sales que para pregar o evangelho às almas abandonadas do Chablais, passa uma torrente gelada, durante todo o inverno, com risco de perecer e expõe cem vezes a vida no meio dos hereges que combate.

Quanto entusiasmo em São João da Cruz, em São Pedro de Alcântara e outros, pelo espírito de mortificação. Sempre com a verga na mão para se torturar, imolavam-se vivos, como um holocausto ao Deus que amavam e à paixão a qual queriam se unir constantemente. Quanto entusiasmo B. de Montfort pela divina sabedoria e pelo reino da Virgem Maria.

Ah! Almas, almas para amar à Virgem ou a morte, exclamava ele. É preciso que Ela reine! Que triunfe nos corações! Oh! Meu Deus, a comoção oprime o meu peito e me arranca lágrimas. Vi passar diante de mim esta legião de entusiastas de nossos dias: virgens puras, jovens de vista nobre, velhos já curvados sob o peso dos anos, tão cheios quanto longos.

No seu olhar brilha uma chama, sobre seus lábios repousa um sorriso e em torno de sua fronte resplandece alguma coisa que não é da terra. E a virgem diz um eterno adeus às doçuras e às promessas da vida, para ir encerrar seus verdes anos num claustro obscuro.

E o jovem, renunciando às carreiras, às mais belas, estende os braços para os povos estrangeiros que sofrem longe de Deus e exclama: A vida para mim é o exílio, é o sacrifício, é o martírio.

E caminham, caminham, tendo a fronte circundada de luz e coração cheio de um amor apaixonado. Outros o seguem: virgens abnegadas, anjos de caridade, que se inclinando às misérias mais repugnantes, tratam com mão maternal as úlceras e chagas, olhando-as com um sorriso amoroso e uma afeição sempre nova, porque são os frutos da pureza e do amor. Oh! Meu Deus, que é isto? É um sonho? Não, é a realidade! São almas entusiastas, almas em busca de um ideal sobrenatural... São os apaixonados!

Ah! Caminha, prossegue legião divina, guarda teu transporte, conserva teu ardor, persevera entusiasta até o fim...

Tu és dá ração dos Santos!

... não pode haver excesso no nosso amor a Maria, e que o entusiasmo em seu serviço não somente é permitido, mas é também moralmente necessário, para honrar dignamente esta maravilha das obras divinas.

Capítulo XII
Os grandes homens

Da sublime elevação onde nos conduz o entusiasmo dos Santos, é preciso descer à terra para nela considerar o mesmo fenômeno. Desçamos aí a fim de nos compenetrar ainda mais da verdade e ter entre mãos uma arma mais, contra os racionalistas de nossos dias.

No mundo como nas almas, nada de grande se faz, sem transporte, sem entusiasmo.

Quando os antigos viam um poeta arrebatado por uma súbita inspiração ou uma pitonisa animada de espírito profético, julgavam reconhecer neles a ação da divindade “Deus, ecce Deus!” diziam eles. Um Deus os visita, eles ficam entusiasmados. E não erravam em falar assim. O entusiasmo tem um princípio religioso; sem religião não há entusiasmo durável (H Morice: “Juventude e ideal”. C. VII).

Se em nossos dias há tanta vulgaridade nos espíritos, se a grosseria sobe e ameaça tudo submergir sob uma onda lamacenta, é porque os homens não têm mais um ideal. A diminuição da fé lhes tirou esta fase. Além disto, sem ideal não há entusiasmo... é a frieza, é o gelo, é o racionalismo nos espíritos cultivados, é o materialismo nas inteligências vulgares. Existe na história um exemplo semelhante ao entusiasmo que o imperador Napoleão sabia excitar nos seus soldados?

De onde vinha a força dominadora desse homem genial; de onde saía essa faísca elétrica que percorria os

peitos desses velhos guerreiros, ouvindo a palavra breve e incitadora de Bonaparte?

Este lhes dizia poucas palavras, mas nessas palavras, que fogo, que transporte, que entusiasmo! Este entusiasmo se comunicava, e eis um exército de heróis, prontos a tudo acometer, a vencer ou a morrer.

Um dos nossos poetas tristemente célebre, mas possuindo num raro grau o sublime do entusiasmo, pintou cena semelhante, que merece tomar lugar aqui: É o entusiasmo dos voluntários do ano II, combatendo pelo triunfo da grande revolução: “Contra toda a Europa, com seus capitães, com suas fantasias percorrendo remotas plagas com seus cavalheiros, inteira em pé, como uma hidra viva; eles iam, cantavam, com a alma sem medo e os pés descalços...

A todos a revolução lhes bradava: “Voluntários, morrei para livrar os povos, nossos irmãos”. Contentes respondiam: “Sim”.

“Ide, meus velhos soldados e meus generais imberbes!” E viam-nos marchando soberbos, descalços, desdenhosos, sobre o mundo deslumbrado! A tristeza e a pena desconheciam; e as nuvens por certo aqueceriam, se esses audaciosos gigantes, na carreira vertiginosa, voltando os olhos avistassem ao longo a República gigante apontar o céu”. (Victor Hugo)

Que impressão vos fazem estas palavras poéticas? Não é como uma faísca elétrica que sentis despertar-se e vós, sacudindo-vos, excitando-vos a coragem e a energia? Ora, isto é apenas uma ficção, sem princípio religioso e, por conseguinte, baseado unicamente na glória humana.

Que deve se passar na alma dos Santos, sob a influência do espírito de Deus, que lhes inspira empresas sublimes e valorosas?...

Ainda um exemplo de ordem natural. Houve uma questão, há alguns anos, para se suprimir os músicos militares, em razão de economia e para aumentar o número dos combatentes efetivos.

Os que alegam tais motivos mostram de que escolas são. Não vêem que a inconveniência da música militar é largamente compensada por seus efeitos morais. A música eletriza o soldado e reanima o seu ardor.

Quando um regimento volta de uma longa marcha, os homens estão estafados e trazem os pés magoados. Mas a música entoa uma nova marcha guerreira e, desde os primeiros compassos, os soldados se endireitam, batem no chão com passo ligeiro e a fadiga desaparece como por encanto.

A música pelos grandes sentimentos que inspira, faz ainda uma obra educadora: ela anima o soldado de generosidade, de bravura e de valor. É a voz do exército. Um exército sem música seria como uma igreja sem sino: faltaria esta alegria, este atrativo, toda atmosfera espiritual que ondea ao redor dela, e que é sua alma.

Ah! Conservemos o nosso entusiasmo para a causa de Deus; para tudo o que é nobre, grande e justo. Conservemos... alimentemos mesmo este entusiasmo; é a música que soa diante de nós e nos atrai.

Enquanto ela soar a nossos ouvidos, levaremos galhardamente o nosso fardo, e apenas sentiremos algum peso. Quando não a ouvirmos mais, parecer-nos-á que

se extinguiu uma luz em nossas almas. Não seremos mais sustentados senão pelo sentimento do dever; nosso passo será mais pesado e nosso andar mais lento.

Ah! Guardemos nosso entusiasmo, que faz nossa força! Não deixemos nem o cepticismo, nem o racionalismo, nem a ironia abafar sua voz; mas sem prestar ouvidos aos apóstolos do desânimo, marchemos como cristãos convictos, como apóstolos da verdade, apaixonados pela glória de Deus e pela nossa santificação.

Que impressão vos fazem estas palavras poéticas? Não é como uma faísca elétrica que sentis despertar-se e vós, sacudindo-vos, excitando-vos a coragem e a energia?

Capítulo XIII
A moderação

Quisera levantar a voz e tornar ao estudo do entusiasmo na alma dos Santos. É nela sobretudo que ele se manifesta, com toda a sua força e com toda a fecundidade de sua audácia. Mas, se impõe ainda uma questão. É a da moderação, da prudência. Falando-se de certos Santos, eu ouvi por vezes, qualificá-los de imprudentes.

Quisera-se no seu zelo e na sua ação mais reserva, mais discrição, mais moderação. Ah! Sim, mais moderação, como tem os que os criticam, sem dúvida, que nela se distinguem de tal maneira, que nunca chegam a fazer coisa alguma de grandioso, de estável, de sublime pela causa de Deus.

A prudência é uma virtude, é a guarda das virtudes; mas parecem ignorar que há duas espécies de prudência: a prudência dos filhos de Deus e a prudência da carne. E estas duas prudências diferem entre si de maneira essencial, como a distância que separa a terra do céu.

Ser prudente não quer dizer que se deve sempre ficar no meio. Quer dizer, antes de tudo, seguir o partido mais seguro e depois caminhar intrepidamente, precavendo-se contra os obstáculos e contra os inimigos. A prudência da carne não é outra coisa senão a covardia. É o medo do esforço, o temor da luta, o receio das dificuldades, dos sacrifícios.

Tem-se vergonha de dizer que se é imortificado, sensual, incapaz de um ato enérgico: e cobre-se tudo isto

com a mortalha da prudência da carne... Mas atenção: é uma mortalha e não se veste a mortalha senão em quem está morto. Ah! Estas almas muitas vezes estão mortas ou perto da morte!

Quantas vezes não acontecem que jovens cheios de ardor, confiam suas esperanças e seus planos do futuro a esses rasgos da luta, e com um sorriso inteligente, ouvem essas palavras desanimadoras:

"Vós sois cheios de atrativos e de zelo, mas isso passará. Eu, na minha juventude, era como vós; partilhava de vossas ilusões e bem me recordo disto. Mas a vida mesma me ensinou a viver; e viver bem é guardar moderação em todas as coisas. Acreditai-me: não vos entregueis demasiadamente à ação; poupai vossas forças e vosso tempo. Desconfiai, sobretudo, do entusiasmo: o entusiasmo é fogo de palha que brilha um instante e apaga-se logo, deixando somente um pouco de cinza".

Estes bravos estão muito convencidos de sua experiência e de sua sabedoria; mas estes seus aforismos são tão indiscutíveis como ele os julgam? E em primeiro lugar, é verdade que o entusiasmo é um fogo de palha, ou como esses faróis eclipsados que não projetam senão clarões intermitentes?

Não: o entusiasmo não é uma exaltação passageira, como já o temos visto diversas vezes. É o amor convicto de uma grande coisa, o calor que sai da alma, o resplendor do ideal. É um produto direto do espírito e do coração. É, pois durável por sua natureza e pode tornar-se o princípio de uma ação regular e constante.

Pode-se igualmente perguntar se a moderação é uma qualidade sempre louvável. Ter-se uma afeição moderada ao que não merece mais, está muito bem! Mas quando se trata de Deus, de seus interesses e de sua glória, então não há medidas. O Evangelho quer que nós amemos a Deus, com todo o nosso coração, com todo o nosso espírito, com todas as nossas forças, isto é, apaixonadamente.

Apaixonadamente? Esta palavra vos choca talvez, porque não se emprega de ordinário senão, num sentido desfavorável. Com tudo, a paixão em si mesma, não é coisa má: é uma energia que pode ser utilizada tanto para o mal como para o bem.

A ambição que faz conquistadores ladrões e homicidas, pode também tomar a forma do espírito do apostolado. O amor que faz correr tantas lágrimas e sangue, inspirou à idade média o espírito cavalheiresco. Segundo a palavra de Lacordaire, “a paixão que mata o homem salvou o mundo no Calvário”.

Sois do número dos ambiciosos e dos apaixonados? Se é para o bem, ótima coisa! Neste caso a paixão não é uma torrente devastadora, mas uma água canalizada que, sem nada perder de sua força, segue um curso mais regular e mais útil.

Porém note-se que a base, o fundamento de tudo isto, é o santo entusiasmo, é o transporte, é o amor de seu ideal e o esforço para atingi-lo. Nunca esta chama divina se extinga em nossas almas. Sua presença indica a vida: a vida real e ativa, a vida generosa em busca de uma outra vida, daquela que não tem fim.

Capítulo XIV
O entusiasmo por Maria

É tempo de voltar à Divina Mãe de Jesus e aplicar ao seu culto os princípios que acabamos de estudar minuciosamente.

Entre todas as coisas santas que merecem entusiasmar o coração dos cristãos, depois da pessoa adorável de Jesus Cristo, a Virgem Imaculada, é sem replica, a mais bela, a mais arrebatadora, a mais inefável e a mais fecunda em frutos de salvação.

Percorrendo a vida dos santos também encontramos este entusiasmo, como uma das qualidades mestras de suas almas. Todos os santos possuíram o amor de Maria; todos a amaram sincera, ardente e apaixonadamente. E é preciso que tenha sido assim, visto que segundo seus próprios ensinamentos, a devoção a Maria é moralmente necessária para a salvação e absolutamente necessária para a perfeição.

Todos os santos não escreveram livros sobre Maria, como os Cirilos, os Damascenos, os Jerônimos, os Bernardos, os Ligórios, os de Montfort; a razão é muito fácil de se compreender, e não precisa de explicação.

Eis porque alguns santos nos aparecem como desnudados desta auréola. É que os seus biógrafos escrevendo muitas vezes, alguns séculos depois da morte de seus heróis, não encontram nenhuma palavra, nenhum fato sobre este assunto... e então, passam além, para falar do que conhecem.

Muitas vezes também, ah! esses autores, são poucos devotos de Maria e para não se condenar a si mesmos, deixam ficar na sombra essa qualidade de apaixonados de Maria. Venha um desses racionalistas, com efeito, professando a doutrina que combatemos nesta ocasião, venha escrever a biografia de uma alma santamente apaixonada pela Imaculada; naturalmente, sob pretexto de moderação, esta santa paixão, será descrita de tal forma, que não terá nenhuma aparência, ao menos, de entusiasmo, de arrebatamento apaixonado pela Mãe de Jesus.

É natural que haja graus neste entusiasmo pela Virgem, pois esta chama tem sido mais ou menos ardente e visível, conforme os caracteres, os lugares e as circunstâncias; mas ela existiu em todos, sem exceção.

Fazer entre os santos distinção, dos que amaram a Maria e dos que não a amaram, seria uma verdadeira injúria feita à sua memória e à sua glória. Contudo pode se distinguir entre eles um grau mais ou menos intenso de amor, assim como se pode distinguir os heroísmo, mais ou menos sublime, de suas virtudes.

Até há pouco tempo, só se tem visto no santo Cura d'Ars, um prodígio de mortificação e de imolação; hoje, porém numerosas testemunhas e os últimos autores de sua vida vão nos mostrar nele, o íntimo, o familiar da Virgem, passando junto a Maria e entretendo-se com Ela uma parte de suas noites, já tão curtas e obtendo dela essas maravilhosas conversões, de que Ars foi o teatro durante longos anos.

O cura d'Ars conhecido como nos mostra o abade Mounin, era já sem dúvida fascinado por Maria, mas o

futuro nos reserva a surpresa de mostrá-lo o apaixonado por Maria, o sacerdote de Maria, trabalhando por ela e com ela; partilhando com a Virgem tudo quanto sabia.

O mesmo saberíamos de todos os santos, se nos fosse dado penetrar mais a fundo, na sua vida intima. Mais em compensação dos que só conhecemos imperfeitamente, que lista, quantos nomes de santos, que sabemos terem sido os íntimos, os encantado pela Mãe de Deus. Seguindo a ordem cronológica, quantos nomes podemos indicar, como os de:

- São Dionísio, o Areopagita (primeiro século)
- Santo Irineu (segundo século)
- Origenes (terceiro século)
- São Basílio e os santos Cirilo, Efrem, Epifânio, Atanásio, Gregório, Naziazeno, Ambrósio, Crisóstomo, Augustinho (quarto século)
- São Basílio de Selência (quinto século)
- São Pedro Crisólogo (sexto século)
- São Germano de Constantinopla e os santos Ildelfonso, Augostinho de Inglaterra, Isidoro (sétimo século)
- São João Damasceno (oitavo século)
- São Cirilo e Metódio, o monge Notker (nono século)
- São Pedro (10º século)
- São Yvo de Chartres e os santos Odilon de Cluny e Anselmo (11º século)
- São Bernardo (12º século)
- Alberto, o Grande e os santos Tomaz e Boaventura (13º século)
- O Albade Guérir (14º século)
- Santo Antônio e os santos Lourenço Justiniano, Casimiro de Polônia, Bernardino de Sena (15º século)
- São Francisco Xavier e os Santos Luiz do Gonzaga, Estanislau Kostha e Francisco de Sales (16º século)

• B. João Eudes, São Vicente de Paulo e os de Berulle, de Condren e M. Olier (17º século).

• O B. de Montfort, Santo Afonso de Ligório (18º século)

• O Santo Cura d'Ars, os B. B. Gabriel del'Adolorata, Chanel, Luiz Cistac, Champagnat, Eymard, Venard, etc., etc. (19º século)

• E no século vinte já temos Gemma Galgani, o Padre Berthier, etc.

Que corrente admirável, que descendo do calvário com São João e vindo até nós, resplandecem de amor, o mais terno, e o mais apaixonado pela Virgem sem mácula.

Ah! Sim, podem acusar-nos de exagerados... mais antes apaguem dos fastos cultos de Maria esses milhões de nomes de Santos, de Doutores, de Padres e de Pontífices.

É impossível. Pois bem, não o será menos, fazer-nos mudar de opinião.

"Ó França, eu te amo porque tu és a terra de Maria! Amo teus mártires, teus apóstolos, tuas virgens, pois eles possuem no seu coração uma chama e mesmo no seu olhar um fogo, que em vão procura-se em outras nações."

Capítulo XV
O caráter francês e Maria

Voltemos à citada carta, e esclareçamos um outro ponto das curiosas asserções que ela contém. O autor qualifica o nosso entusiasmo, de delírio próprio dos franceses. Examinemos de perto esta acusação; ou melhor, este título glorioso que a seu pesar nos dá tão generosamente o autor da carta.

É uma acusação, sim, como também é, a que lança a uma sotaina preta, o fanfarrão ignorante apelidando o padre de: espécie de Jesuíta!

Na sua boca, isto é uma acusação; mas na realidade é um título de honra e glória, realmente merecemos este epíteto; sim, graças a Deus e se compreendemos a sua verdadeira grandeza, fiquemos orgulhosos. O caráter francês tem propensão para o entusiasmo; e é esta propensão que faz sua força e constitui sua inesgotável vitalidade, sua fecundidade em obras e instituições santas.

Onde nasceram a maior parte das instituições, congregações, obras de propagação da fé? Não foi nem na Inglaterra, nem na Alemanha, nem na Áustria, nem na Rússia, nem na Holanda, nem em todos esses paises onde o protestantismo tem exterminado o verdadeiro entusiasmo por Maria. Mas, sim em França ou na Itália, terras clássicas dos arrebatamentos, dos transportes, dos ardores santos e do entusiasmo.

Foi a França que deu a Igreja um número incalculável de santos, de mártires, de apóstolos, de virgens e de homens ilustres de toda a sorte.

Mas, sobretudo, e este argumento é decisivo, foi a França que a Virgem sem mácula, escolheu para ser o teatro de suas numerosas manifestações.

Os outros países têm suas peregrinações, santuários onde a Virgem semeia seus benefícios e suas misericórdias; mas não tem lugares, onde a Mãe de Deus tenha posto seus pés e regado com suas lágrimas.

Lourdes, La Salette, Pellevoisin, Poutmain, etc., são únicos no mundo e estas peregrinações são na França. Não é mais uma prova de que a Virgem ama o solo francês e que o caráter francês por mais rebaixado que possa estar em nossos dias, é capaz de emoções puras, de elevados transportes, de nobre entusiasmo, de paixão santamente heróica, pela causa de Deus e culto de sua divina Mãe?

Ó França, eu te amo porque tu és a terra de Maria! Amo-te com o teu entusiasmo, com teus arrebatamentos, com o teu espírito apaixonado, que te exalta e que muitas vezes te arrasta para as causas, as mais santas e as mais heróicas!

Amo teus mártires, teus apóstolos, tuas virgens, pois eles possuem no seu coração uma chama e mesmo no seu olhar um fogo, que em vão procura-se nas outras nações.

Apesar de tua decadência, apesar de tuas lutas intestinas, de teus desfalecimentos atuais, tu ficarás sempre a pátria das nobres aspirações; ficarás sempre o país simpático aos estrangeiros e quando o espírito de Deus soprar sobre ti, tu saberás erguer-te e, sob o impulso deste entusiasmo, que constitui tua energia, tornar-te-ás uma fornalha inesgotável das causas nobres e de imortais instituições.

Capítulo XVI
O sensualismo no culto de Maria

Continuemos o estudo de nossa carta. Quantas coisas novas e verdadeiramente inexplicáveis encontramos aí!

Na primeira asserção, o autor opõe ao racionalismo alemão, o sensualismo francês. Esta expressão seria incompreensível, se o autor não tivesse o cuidado de esclarecê-la mais adiante.

Assim, pela explicação, vê-se que ele queria indicar com aquela palavra, o entusiasmo que caracteriza os franceses, e que ele apelida de delírio. Porém há mais. Precisa que haja mesmo! Pois a distância entre estes dois termos, sensualismo e entusiasmo, é por demais grande, para se aproximar com uma simples expressão.

Mais adiante o autor completa o seu pensamento com estas palavras:

"*Praza a Deus que muitas vezes este entusiasmo exaltado e inchado por Maria não tenha servido de capa para cobrir uma baixa sensualidade e uma afeição encoberta pelo feminismo eterno".*

Mas é horrível! Um tal insulto feito a Virgem em pleno século vinte!

Deixo a outros o julgar se a impressão que sinto é a do scandalum parvulorum ou a do scandalum phærisorum; mas sinto minha alma revoltar-se contra uma tal linguagem e não é senão tremendo, que a transcrevo aqui.

Eu não tenho que julgar o autor, só julgo seus escritos; mas não posso privar-me de perguntar, se ele é católico, para ter o atrevimento de jogar assim contra a puríssima Virgem, uma imundície tão infecta.

E se é católico, parece, em todo o caso, ignorar completamente o que é o culto da Imaculada: o que os Padres e Santos disseram dele; e quais são os efeitos que produz nas almas. Ora, antes de escrever alguma coisa, é preciso saber o que se quer escrever e conhecer a maneira de apresentá-lo.

Entretanto o autor dessas acusações, é católico, visto que cita S. Thomaz, São Bernardo e parece ao corrente de muitas outras questões religiosas e filosóficas que não são estudadas pelos protestantes.

Mas, importa estudar circunstanciadamente, essas estranhas proposições, tão injuriosas a Maria, quanto opostas à doutrina e ao ensino da Igreja.

Então a devoção a SSma Virgem serviria muitas vezes de capa para cobrir uma baixa sensualidade?!

Não torno à palavra “entusiasmo exaltado e inchado” empregado na carta.

Já a expliquei bastante e demonstrei que a devoção sem entusiasmo, seria um fogo sem chama ou, digamos melhor, um forno sem fogo. Limito-me a esta blasfêmia, que nunca acreditaria poder sair de terras cristãs, a qual acusa de sensualismo, a um grande número de filhos de Maria.

Ó Maria! Maria... Vós a pura, a cândida, a Imaculada Senhora, que tornais mais puros àqueles que de vós se aproximam, que purificais os que vos invocam, que

levantais e tirais do lodo todos os que elevam para vós suas mãos suplicantes; vossa devoção, vosso amor, cobriria muitas vezes almas baixas, vícios vergonhosos, desordens que nossas bocas cristãs nunca deveriam nomear?!

Ó Mãe, ó Mãe, perdão para o blasfemador! No dia em que uma tal palavra foi pronunciada, parece-me que um brado de indignação, devia ter percorrido pelo céu; que os anjos se deveriam ter coberto com suas asas, e que, um rubor indignado, deveria colorir a fronte de vosso divino Filho, da legião imensa de vossos Apóstolos e das almas encantadas por Vós!

Pudesse o mesmo grito indignado, levantar nosso peito e armar nosso zelo e piedade para vingar este ultraje, por um redobramento de amor e de generosidade no vosso culto bendito!

Piedade e misericórdia para vossos blasfemadores! Mas a blasfêmia desapareça sob nossos pés e entre no abismo, donde o ódio de satanás a tirou.

Ó Mãe, ó Mãe. Piedade e misericórdia para vossos blasfemadores!

Capítulo XVII
Os sentimentos dos Santos

Passemos a examinar de perto esta nova acusação, pois não basta somente cobrir de nossa indignação o erro nascente, precisa ainda pesar com todo o seu rigor teológico a asserção contrária.

O B. de Montfort tratou dessa categoria de devotos da SSma Virgem e os intitulou: “os votos hipócritas”, mas tratou a questão como teólogo e santo. Em lugar de generalizar o que é, e o que será sempre uma rara exceção, ele acha que tais devotos podem existir, mas tão raramente que só lhes consagra 6 linhas de explicação.

“Há ainda falsos devotos, diz ele, que cobrem seus maus hábitos com a capa desta Virgem fiel, a fim de passarem aos dos homens pelo que não o são.”

Eis a verdade. Mas que distância entre o que diz o Bemaventurado e o que acrescenta o autor da supra citada carta. O grande Apóstolo de Maria diz que há falsos devotos seus; por conseqüência não devotos, porque falsos dá a palavra seguinte o sentido contrário do que ordinariamente tem.

Falso monge é aquele que finge sê-lo, mas que de fato não o é. Da mesma forma falso devoto é aquele que finge sê-lo, mas não o é na realidade. Pode haver desses falsos devotos que se servem da devoção a SSma Virgem para ocultar aos homens seus maus costumes e fazer crer que são melhores, que na realidade são.

Eis o que é perfeitamente possível, o que infelizmente existe, por vezes. Mas importa notar que o que serve aqui de capa é uma falsa devoção, uma devoção hipócrita.

O citado autor, ao contrário, talha uma capa para cobrir, muitas vezes, uma baixa sensualidade, no entusiasmo por Maria. Compreende ele o que é o entusiasmo? Parece que não: sem o que teria notado que o entusiasmo é uma chama, é fogo, e que, por conseguinte, não se talha uma capa de fogo, da mesma maneira como não se pode fazer um vestido da chama do fogão.

O entusiasmo não pode existir fora da verdade. Os hereges, os inimigos da Igreja de toda espécie, nunca tiveram entusiasmo na busca do seu fim infernal: tiveram o ódio, a raiva, a exaltação, o frenesi; que tem chegado por vezes à verdadeira alucinação mental... mas ao entusiasmo?... nunca!

Não se tem entusiasmo senão pela verdade, visto que a verdade é o único objeto de nossa inteligência, da mesma forma que o bem é o único objeto de nossa vontade.

Dizer pois que o entusiasmo no culto de Maria tem servido muitas vezes de capa para esconder vícios é afirmar uma doutrina condenada por toda a Igreja, por todos os santos e por todos os teólogos.

Omito voluntariamente os adjetivos exaltado e inchado, que não podem se acomodar com o entusiasmo assim como a palavra frio com fogo e trevas com sol. O fogo nunca será frio, nem o sol nunca será trevas.

Do mesmo modo, o entusiasmo verdadeiro nunca pode ser nem exaltado nem inchado, sem deixar de ser entusiasmo. Não seria mais que um delírio, uma loucura!

Para dizer tais coisas é preciso ter esquecido muito a filosofia, a teologia e nunca ter estudado psicologia, nem as ciências marianas, nem ter feito estudos patrióticos, pois esta asserção peca contra todas essas autoridades.

Insistamos aqui, sobretudo na autoridade dos santos. Todos são de acordo em dizer que o pecador que honra a Maria, não ficará no pecado, mas que cedo ou tarde se converterá.

“Apenas nomear Maria, diz São Jerônimo, já é um princípio de justificação”.

“Aquele que está no pecado, olhe para a Lua, diz Inocêncio III e invoque a Maria”.

“Maria, ajunta São Metódio, por seu poder e suas súplicas, tem convertido um número incalculável de pecadores”.

“Ela é a cidade de refúgio, diz São João Damasceno, e todos aqueles que forem a Ela serão salvos”.

“Maria é o único refúgio dos pecadores, diz Santo Agostinho”.

“Ninguém obtém a salvação senão por Vós, Ó Mãe de Deus, exclama São Germano de Constantinopla”.

“Sustentados por Maria, acrescenta São Bernardo, vós não caireis, protegidos por Ela, nada tendes a temer, sob a direção de Maria, não vos cansareis no caminho; com o favor de Maria chegareis humildemente ao vosso termo”.

O mesmo santo continua: “Não retireis pois os olhos da luz brilhante deste astro, se não quiserdes ficar submerso nas ondas”.

“Não há pecado no mundo, por afastado que esteja de Deus, diz Santa Brígida, que não possa se converter e recorrer a amizade divina, se apenas quiser recorrer a Maria e reclamar a sua assistência”.

São Bernardo, este sublime entusiasta de Maria, exclama, pois com razão:

"Augusta Soberana, nunca repelireis um pecador, por mais abominável que seja, se ele se refugiar ao pé de vós; desde que implore o vosso socorro, não deixareis de estender vossa mão misericordiosa para retirá-lo do abismo do desespero".

E este outro atraído por Maria, Santo Afonso de Ligório, acrescenta: Ó amável Maria, bendito e agradecido seja sempre o Senhor, que vos fez tão doce e tão boa, mesmo para com os mais miseráveis pecadores! Infeliz daquele que não vos ama; infeliz daquele que podendo implorar vossa piedade, não põe em vós sua confiança!

Quem não recorre a Maria se perde; mas quem foi que se perdeu depois de ter recorrido a Ela?! Eis o ensino dos Santos, eis a verdade. Todos os que recorrem a Maria são salvos.

A devoção a esta augusta Rainha é um manto, não para cobrir uma baixa sensualidade, mas para nos tornar agradáveis a Deus, e nos obter perdão e misericórdia.

Em lugar de dizer: Praza a Deus que muitas vezes, este entusiasmo por Maria não tenha servido de capa para encobrir uma baixa sensualidade (o que é horrível), deve-se dizer:

"Praza a Deus que todos os pobres pecadores, mesmo os maiores escravos dos vícios, que recorram a Maria, se refugiem sob o manto da Imaculada; eles encontraram aí, a conversão e a misericórdia".

Capítulo XVIII
Maria, o pecado e os pecadores

Desta mesma asserção do autor, se poderia concluir, o que seria ainda mais horrível que tudo quanto precede, que a Virgem pura e Imaculada ama o pecado.

Como me atrevo a tirar uma tal conclusão? Isto não pode ser, provaria uma alma muito baixa, se fora esta a intenção do mesmo autor.

É impossível; mas, como não me pertence julgar as intenções, mas somente o texto da carta, estou obrigado a tirar as conclusões que decorrem da primeira.

“Muitas vezes, diz o texto, a devoção a Maria encobre uma baixa sensualidade”. Sendo assim, é preciso dizer que a Santíssima Virgem deixa introduzir-se no seu culto erros tão grosseiros quanto perigosos; ela parece favorecer o pecado, a revolta contra seu divino Filho; dá aos pecadores como uma segurança de misericórdia, a fim de os animar a ficar no pecado; cobre suas vergonhosas ações, com seu manto virginal, a fim de melhor enganar o mundo.

Em uma palavra, ela não é mais a Mãe que chora e geme sobre os pecados de seus filhos; ela torna-se a protetora do pecado. De outro lado, o que acontece muitas vezes, segundo todos os teólogos, é uma ocasião próxima.

Dizendo que muitas vezes a devoção a Santíssima Virgem, encobre uma baixa sensualidade, é o mesmo que

dizer que a maior parte dos devotos de Maria, são almas sensuais baixas e dadas ao vício.

Segue-se que a devoção a Mãe de Deus, constitui um verdadeiro perigo, quase um obstáculo ao reino de Jesus, visto que, segundo todos os santos, esta devoção é um penhor de salvação e de outro lado, mantém, muitas vezes, os pecadores nas suas desordem.

Então nada mais resta, que suprimir o culto da Virgem. É aí que querem chegar os infelizes que não se envergonham de escrever tais abominações. E isto em pleno século vinte, em pleno século de Maria. Mas é horrível!

Então a Virgem Imaculada, não é mais “a Mãe e o refugio dos pecadores” como ela mesma se intitulou, torna-se a Mãe da desordem e o refúgio do pecado.

Ouvis, piedosa falange dos filhos de Maria?

Ouvis, padres de Maria?

E vós também, pobres pecadores, desejosos de vos converter, e que procurais perto da Virgem força e generosidade... Todos vós estais no erro... Não sois senão hipócritas que procurais esconder sob o manto da Virgem o que não ousaríeis mostrar em pleno dia.

Verdadeiros filhos de Maria são os infames que dão ao mundo o exemplo de uma vida depravada e depositam no seu próprio coração um lodo que a terra não lhes poderia dar, para com eles enlamear a obra prima de Deus, que faz descer do espírito dos povos, uma devoção instituída e praticada pelo próprio Jesus Cristo e que não cessa de derramar no mundo os milagres, os mais

brilhantes, curas de todas as espécies, conversões sem número, graças e benefícios que nunca poderíamos enumerar nem compreender.

Eis a que nos conduzem as teorias modernistas. Eis o progresso e a nova luz que, segundo os nossos contraditores, deve iluminar o mundo. Não, não, não, nos detenhamos mais tempo nestas abominações: elevemos nossos corações, nosso espírito, nossas almas e escutemos os santos nos dizerem o que é a Virgem Misericordiosa com relação aos pecadores.

Maria aborrece o pecado... Mas como Ela ama os pobres pecadores!... São seus filhos, mas filhos infelizes que sofrem, que são feridos de morte. Como ficaria Ela insensível diante deste espetáculo, Ela que é mil vezes mais Mãe de nossas almas do que nossas mães da terra o são de nosso corpo.

Oh não, não é sem razão que São João Damasceno a saúda, “a esperança dos desesperados”.

Que São Lourenço Justiniano a proclama, “a esperança dos culpados”.

Santo Agostinho, “o único recurso do pecadores”.

E Santo Efrém “o porto seguro dos náufragos”.

Não me admira o que se lê nas revelações de Santa Brígida: “um dia a santa ouviu Jesus Cristo dizer a sua Mãe, que Ela estaria disposta a pedir a graça, para o mesmo Lúcifer, se este pudesse se humilhar até encomendar-se a Ela: Vós não recusaríeis vossa compaixão ao mesmo demônio, se ele a pedisse humildemente”.

Nunca se verá este espírito soberbo abaixar-se ao ponto de implorar a proteção de Maria; porém se tal pudesse acontecer, a Mãe de Deus teria bastante bondade e poderosos seriam suas súplicas para lhe obter do Senhor o perdão e a salvação.

Mas o que não pode ter lugar para o demônio, realiza-se todos os dias em favor dos pecadores que recorrem a esta mãe de misericórdia. Quanto não poderíamos citar sobre este assunto, das páginas admiráveis de São Bernardo, citemos ao menos este texto conhecido:

"Sileat misericordiam tuam Virgo Beata, si quis est qui invocatam te in necessitatibus suis, sibi meminerit défuisse". Maria é a Mãe dos pecadores e não do pecado, que Ela aborece. E a verdade sobre este assunto é: que todos aqueles que recorrendo a Ela sinceramente, querem converter-se, convertem-se.

O pecado e o amor de Maria não podem habitar juntos num coração ou antes, o pecador ou cessa de amar a Maria ou se converte. Poderá passar um certo número de anos, mas, cedo ou tarde, voltará a Deus, pois é impossível que um verdadeiro filho de Maria, perca-se para sempre. E se isto é verdade, tratando-se só do simples amor da Virgem, com mais forte razão é assim, quando se trata do entusiasmo, que é um amor mais ativo, mais generoso, mais atraído pelo ideal.

Mas o pecadores podem amar a Maria? Sim, podem, porque o essencial da devoção a Santíssima Virgem, não consiste na imitação de suas virtudes, o que é a sua flor, mas num sentimento de respeito, de confiança e de amor; tríplice sentimento que pode existir mesmo no coração

do pecador, assim como pode existir no coração de um filho culpado, com relação aquela que lhe deu a vida terrestre.

Eis o gérmem da vida. Ponde em uma alma este respeito, esta confiança e este amor para com Maria, e ela está salva: o resto seguir-se-á inevitavelmente. Qual é o pecador que ignora que para se salvar precisa renunciar o pecado?

Pode haver devotos presunçosos; mas a presunção está no seu espírito e não nas praticas piedosas com as quais honram a Mãe de Deus.

Não! Mil vezes não! Não são aqueles que se entusiasmam por Maria que são pecadores; são os que não a amam; os que lhes são indiferentes; são, sobretudo os que a atacam, procurando esconder, sobre pretexto de moderação, um culto e um amor que eles não têm, e que se envergonhariam se outros viessem, a saber, que eles não têm esse amor.

Em resumo: os que amam a Maria não temem de manifestar este amor e de o elevar até o entusiasmo. Os que não a amam ou ao menos, alguns deles, quereriam rebaixar os outros ao seu nível, a fim de não terem de se fazer a triste e desanimadora reprovação de não serem filhos de Deus visto que não são filhos de Maria; sabendo bem, como diz o B. de Montfort, que ninguém pode ter a Deus por Pai se não tem a Santíssima Virgem por Mãe.

Mas, digam o que quiserem, nós somos e ficaremos orgulhosos de nosso entusiasmo por Maria e quanto mais os clamores e blasfêmias se levantarem, mais perto e mais amorosamente nós nos chegaremos para o coração

de nossa Mãe: os pecadores para obterem a graça de uma sincera conversão, os justos para progredirem, e os entusiasmados para se entusiasmarem ainda mais... mesmo até a loucura, que São Paulo já conhecia e chamava na sua franca linguagem: “a loucura da cruz”.

Elevemos nossos corações, nosso espírito, nossas almas e escutemos os santos nos dizerem o que é a Virgem Misericordiosa com relação aos pecadores.

Capítulo XIX
A Virgem toda bela

Chegamos ao fim das acusações acumuladas contra o culto da Virgem Puríssima? Infelizmente, não. Seria suficiente, mas o autor da carta, como hábil droguista, fez uma tal mistura de erros e de monstruosidades, que cada linha contém diversos.

Continuemos, pois nosso estudo e nossa refutação, pois nada deve escapar à luz da verdade e nenhuma sombra deve ficar ao redor da fronte da pura, bela e cândida Senhora. Devemos tomar de novo o mesmo texto, já refutado precedentemente, citando-o por completo...

“Praza a Deus que muitas vezes, esse entusiasmo exaltado e inchado por Maria, não tenha servido de capa para encobrir uma baixa sensualidade (notai o que se segue) – e uma afeição encoberta pelo feminismo eterno”.

Oh! Perdão, amado leitor, mas o rubor me sobe à fronte, a indignação detém minha pena e é com as lágrimas nos olhos que repito estas ignomínias.

Que? Falando de Maria... de Maria, da santa, da pura, da Imaculada, da toda bela, do tabernáculo de Deus, três vezes santa; da mulher bendita entre todas as mulheres, atreve-se a falar de uma afeição encoberta pelo feminismo eterno?

Ó Mãe, ó Rainha! Faltava esta blasfêmia para vos elevar ainda mais alto, nos nossos corações, nas nossas almas e na nossa paixão, tão santa, por Vós! Sinto-me comovido! A emoção me vence e eu choro! Oh! Pudesse

com minhas lágrimas levantar-vos um trono no meu coração, em todos os corações e gravar neles com traços indeléveis, com gotas do meu sangue, que vós sois a mulher bendita entre todas as mulheres! Mas que significa este “feminismo eterno?”

Não pode ser senão, essa inclinação inata em todo homem, pela beleza das criaturas da terra; inclinação que leva muitas vezes, para não dizer quase sempre, à sensualidade, ao pecado.

E ousa-se citar isto, falando da Virgem Maria?

Maria é mulher, e esta qualidade poderia jamais oferecer um perigo a nossa piedade? Poderia suscitar em nós pensamentos baixos, terrestres; Ela que sobreleva tudo, que purifica tudo; Ela a quem não se pode ver sem sentir-se mais puro, mais generoso; Ela, cujos pés não se pode beijar, sem sentir um atrativo pela virtude e santidade?

Maria é mulher e por isso deveríamos usar de reserva em nosso amor, sob pretexto de que, o que sentimos por Ela, pode ser um atrativo natural, uma afeição encoberta pelo feminismo eterno?!

Mas, é horrível!

Então seria preciso que as mulheres também usassem de reserva no seu amor pelo Salvador, porque Jesus Cristo é homem, e o seu amor por Ele, poderia bem ser uma afeição encoberta pelo masculino eterno, pois em suma é preciso ser coerente consigo mesmo.

Ouvis almas apaixonadas por Jesus? Como as das Madalena, Thereza, Catarina, Inês, Rosa, etc., vosso amor apaixonado por Jesus, não é outra coisa mais que uma

baixa sensualidade... que encobris com essa capa... e isso não acontece só de tempos em tempos... acontece, “muitas vezes”.

E faltava o século vinte para fazer uma tal descoberta! E faltava que esta triste descoberta fosse feita por um discípulo do santuário! Ainda uma vez, é horrível!

Segundo esta bela teologia, infelizmente vinda um pouco tarde, precisa continuamente passar no crivo do raciocínio, nossa devoção à SSma Virgem. Precisa interrogar-nos continuamente o motivo de nossa devoção. Precisa examinar-nos, para saber se amamos muito a Maria, por ser Ela a Mãe de Deus,e não, por ser mulher virgem, bela, amável dotada de todas as qualidades e atrativos da natureza, assim como da graça.

Como tais pensamentos podem surgir numa alma cristã, num filho de Maria?!

Mas então precisará que o filho, lançando-se ao colo de sua mãe, correndo a beijar seus lábios veneráveis, interrogue-se a si mesmo;

- Porque amo eu a minha Mãe?

- Não é por ela ser mulher?

- É por ser ela minha Mãe?...

- Pode ser que esta ternura no coração do filho não seja outra coisa mais, do que um princípio de baixa sensualidade pelo feminismo eterno?

- E importa reprimir os primeiros movimentos das paixões...

- Porém a Virgem Imaculada não é realmente nossa Mãe?

- A verdadeira devoção para com Ela, a devoção que salva, não é a de considerar-se a seu respeito, como um filhinho?

O absurdo de uma tal asserção, salta aos olhos. Fazer uma tal distinção é perturbar as almas puras, é pôr entre o coração da mãe e do filho uma barreira intransitável...seria matar o amor maternal e o amor filial...

Seria arrancar o amor de Maria e condenar o gênero humano a uma perda irrevogável, pois a vontade de Deus é, diz S. Bernardo, que nós recebemos tudo por Maria.

Não, não, esta distinção não é necessária: o racionalismo pode fazê-la visto que está fora da verdade; a Igreja não a faz, os santos nunca a fizeram. Nós amamos a Maria, porque Ela é a Mãe de Deus: é o ponto de partida.

Amamos a Maria ainda, porque, Ela é boa, é bela e porque depois de Deus, é a única digna de cativar e de possuir os nossos corações.

• Não é o motivo anteposto, e tantas vezes repetido pelo mesmo Espírito Santo?

• Seria preciso repetir todo o Cântico dos Cânticos, onde Ele não cessa de repetir: “Tota pulchra és amica mea...” Sois toda bela e não há mácula em Vós!!

• E não se trata somente da beleza da alma de Maria, trata-se do seu corpo, como se vê nas comparações e nas palavras do Livro Sagrado.

Sim, Maria é bela, toda bela; duma beleza que põe na sombra todas as belezas da terra. E por esta mesma beleza que é como a chave dos corações, Ela atrai a si todas as almas movidas pelo ideal.

Porém, ao contrário das belezas das outras criaturas, os encantos da Virgem servem para tornar mais puros, os que se deixam cativar por Ela; servem para desapegar da terra os quem se apegam a Ela. Em vez de ser um obstáculo e como uma peça lançada à nossa virtude, como faz entender claramente o nosso adversário, a beleza de Maria é um poderoso estímulo para nos afeiçoar a Ela, para amá-la e para só procurar por Ela, a beleza que não perece.

Ah! praza a Deus que todos os jovens tenham diante dos olhos os traços arrebatadores da Virgem, se cativem dessa beleza e dela encham o coração: eles se livrariam dos remorsos e das angústias da alma e do corpo. Digamos pois afoitamente como o Rei Salmista:

"Specie tua et pulchritudine tua, intende prospere et regna". Por vossos atrativos e vossa beleza, ó Maria, vinde, crescei em nós, em reinai!

Amamos a Maria ainda, porque, Ela é boa, é bela e porque depois de Deus, é a única digna de cativar e de possuir os nossos corações.

Capítulo XX
As heresias na Igreja

Só nos restam duas frases da carta. É pouco, não há dúvida, mas é suficiente para o autor expor dois grosseiros erros dos quais o segundo é tão pernicioso, quanto o primeiro é sutil.

“Às heresias e os cismas na Igreja, diz ele, foram ocasionados por se insistir, muito fortemente sobre um ponto, que em si era muito bom e justo”.

Asserção estranha, cuja falsidade mostra-se logo ao leitor atento. As heresias e os cismas não nasceram por se ter insistido, muito fortemente, sobre um ponto; mas insistiu-se sobre este ponto, para confundir a heresia já nascente e pôr em plena luz, a verdade desviada de seu verdadeiro sentido.

O erro de Nestório, nasceu de se insistir, muito fortemente, sobre a maternidade divina de Maria? Todos sabem que foi o contrário que teve lugar. Insistiu-se sobre esta verdade, fez-se estudos sobre ela, pôs-se em plena luz, porque o heresiarca queria negá-la, desviá-la, dar-lhe um sentido que não era o do Evangelho.

Não se insistia antes sobre este ponto: era uma verdade admitida por todos e Nestório foi quem começou a negá-la, e só depois que ele promulgou seu erro, o Concílio de Éfeso, condenando-o, insistiu sobre este ponto, o precisou claramente, a fim de prevenir novos ataques.

Nesta ocasião, eu combato as opiniões heterodoxas que precedem e que se reduzem, de algum modo, ao racionalismo no culto da Virgem, sob a forma especial do modernismo condenado.

Pode-se dizer, que esses erros nasceram, por se insistir, muito fortemente sobre as vantagens do entusiasmo no culto de Maria? Até aqui ainda não vi nenhum livro, nenhuma brochura, nenhuma carta mesmo, que tenha desenvolvido este assunto e o tenha demonstrado em sua plena luz, nas suas aplicações e conseqüências.

Era uma dessas verdades, compreendidas por todas as almas piedosas e generosas; e por todos os que, sem terem lido a teoria, a praticavam. Era a conseqüência necessária do amor.

Amor é dar-se, é dedicar-se, é sacrificar-se na necessidade, por quem se ama. É, pois muito natural que os que amam a Maria, se dêem, se dediquem e se sacrifiquem mesmo por sua Rainha.

Mas tudo isto não se faz sem entusiasmo. O demônio o sabe muito bem. E vendo os frutos admiráveis de santidade, que produz nas almas esse culto apaixonado da divina Maria, procura ataca-lo, caluniá-lo, fazê-lo passar por delírios e por baixa sensualidade.

Foi este seu ataque, que me forçou a levantar a voz e lançar esse “grito de alarme”.

Parece-me que nisto estou de acordo com todos os santos, doutores e a Igreja inteira. Quando o erro se levanta na Igreja, é preciso que a verdade se levante, por sua vez, para desmascarar os uivos do inferno e fazer conhecer a verdadeira doutrina.

É nosso papel de sacerdote – e quando se trata da Virgem Imaculada, nos pertence, particularmente a nós, "padres de Maria", elevar a voz e perseguir até o fim, tudo o que ataca à nossa Rainha.

Pudesse eu conseguir com este – "grito de alarme" – desmascarar o erro e esclarecer aqueles que já foram por ele seduzidos! Eu o desejo! Porém os inimigos podem se certificar, que não é esta a última palavra e que a todos os seus ataques, enquanto minha mão puder segurar uma pena, dela se servirá para combatê-los, para fazer conhecer e amar a amável e Imaculada Virgem Maria!

Amor é dar-se, é dedicar-se, é sacrificar-se na necessidade, por quem se ama. É, pois muito natural que os que amam a Maria, se dêem, se dediquem e se sacrifiquem mesmo por sua Rainha.

Capítulo XXI
As devoções particulares

Enfim, graças a Deus, chegamos à última asserção.

Esta não ataca mais um ponto de doutrina propriamente dito; ataca um ponto importante da vida ascética: o de concentrar sua devoção num ponto determinado. Ora, em seguida a asserção precedente, a carta continua: “Tudo o que tem o direito de ser dito, não o tem de ser dito unicamente, de desalojar todo o resto”.

A primeira parte desta frase é falsa, a segunda é absurda. Porque uma verdade da religião não poderia ser dita unicamente? O que é verdade, fica sempre verdade, mesmo sendo dito unicamente. Quando a desalojar todo o resto, eu pergunto qual é a verdade da religião que afasta as outras verdades?

Para desalojá-las, precisaria que elas fossem opostas, contraditórias. Ora, isto é impossível: a verdade é uma. Uma asserção verdadeira só pode ter por contraditória uma falsa. O que o autor visa aqui é a concentração de nossa devoção a SS. Virgem. Ele não quer que nós falemos da Mãe de Jesus, sem falar de seu divino Filho, sob pretexto de que, concentrando nossa atenção sobre Ela, Maria desacomode todo o resto... e tome o lugar de Nosso Senhor!

Deixai este cuidado, caro amigo, dizia o bom La Fontaine, isto parte de um bem natural, mas denota uma rude ignorância sobre o culto de Maria e o papel da Mãe de Deus. Um pouco de teologia mariana teria evitado esta burla ao autor.

Maria não é o fim último de nossa devoção: ela é a intermediária, mas a intermediária da vontade de Deus, a ponto, como dizem todos os santos, que sem o amor de Maria é moralmente impossível se obter a salvação e completamente impossível chegar a perfeição.

Eis uma asserção que mais ninguém discute hoje, desde que São Bernardo, São Ligorio e o B. de Montfort trataram do assunto. A formula “ao Jesus per Mariam” tornou-se clássica e figura no alto de todas as obras de piedade.

Mas há outro ponto, talvez menos compreendido, que entretanto exerce uma influência preponderante sobre nossa vida espiritual. Há na Igreja uma infinidade de devoções. Há para todos os gostos, para todas as situações e para todas as pessoas. Seria preciso afeiçoar-se a todas? Precisaria cumprir todos os conselhos de perfeição, dados pelos santos? Servir-se de todos os meios de que eles se serviram? É impossível; cada um pode escolher.

Mas antes de fazer esta escolha, importa notar que entre essas devoções há: 1º umas que são absolutamente necessárias; 2º outras moralmente necessárias; 3º outras enfim, que são facultativas.

As que são absolutamente necessárias, como a devoção a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, é preciso tê-la, sob pena de ver perecer nossa vida interior. A devoção à SS. Virgem, já o dissemos, por causa de sua união íntima e excepcional com o Filho de Deus, é absolutamente necessária para atingir a perfeição e moralmente necessária para se salvar.

Quanto as outras, algumas são precisas, mas cada um pode escolher. Feita esta escolha, nada há melhor do que se concentrar nesta devoção, não para afastar as outras, o que é impossível; mas a fim de tirar dela todos os frutos que deve produzir.

Afeiçoando-se assim a um dos mistérios de Jesus Cristo, da Virgem ou dos Santos, não se deve recear de faltar para com Deus, visto que toda a homenagem prestada aos Santos, só lhes é rendida porque, sobre sua fronte se reflete um raio da santidade de Deus.

Não tem que recear mais de excluir as outras devoções, pois não repudia as outras ciências quem se aplica de preferência a uma delas. Quem nunca pensou em reprovar o Geômetra por descuidar-se da Geografia; o naturalista por deixar a Álgebra; o filosofo por abandonar a história?

Pelo contrario, a experiência de todos os séculos mostra que o homem só é forte, se concentrando, cultivando um ramo, e nunca veio a imaginação de alguém, de acusá-los de desprezar o resto!

O mesmo fenômeno se reproduz na nossa vida espiritual. O homem tem necessidade de se apaixonar por uma coisa; mas não pode se apaixonar senão tanto quanto se concentra, quanto estuda e desenvolve o ponto, de maneira a bem conhecê-lo e amá-lo ardentemente.

A vida dos santos é a prática desta concentração. Nenhum se tem aplicado igualmente a todos os mistérios, a todas as verdades e devoções de nossa santa religião, assim como nenhum sábio se distinguiu, em todas as ciências ao mesmo tempo.

São Francisco de Assis é o santo da pobreza e de Jesus Crucificado. São Francisco de Sales é o da doçura e do amor de Deus. São Francisco Xavier, o do zelo e da SS. Trindade. São Pedro de Alcântara, São João e São Paulo da Cruz e muitos outros, os da mortificação e de Jesus na Cruz; São Bernardo, São Ligório, o B. de Montfort, etc... são os santos da humildade; São Istanislau Kostha, São João Berchmans, São Luiz Gonzaga, os Bemaventurados Hermano José, Gabriel dell'Adolorata e, em geral, todos os santos jovens, são os da estreita observância da regra e da devoção à Virgem Maria.

Dois pontos se destacam na sua vida, como também na vida de todos os santos, que são: uma virtude particular e uma devoção particular. Com outros termos: a concentração de seu espírito e a do seu coração, sobre uma virtude e um mistério, pelos quais eles se apaixonam e nos quais empregam todos os seus esforços para adquiri-los.

É assim que se formam os santos! Têm eles por isso negligenciado, desviado as outras virtudes e as outras devoções de nossa santa religião? Absolutamente, não. Concentrando-se assim, sobre um ponto, sua força tem sido maior para a aquisição desta virtude e também das outras; pois uma, não se adquire sem as outras; assim também não se tem paixão por uma devoção, sem aperfeiçoar as outras.

O B. P. Eymard, por se ter concentrado na Eucaristia, amou menos a Maria? E esta legião incalculável de santos, que se apaixonaram por Maria a tal ponto (assim dir-se-ia julgando-os só pelo exterior) de esquecer tudo mais; amaram eles menos o Coração de Jesus, a

Eucaristia, a Paixão do Salvador? Uma simples vista da vida dos Santos deve bastar para fechar a boca a qualquer oposição!

Ora, seja pois, que atacando este ponto de doutrina e desfigurando esta base de vida ascética, o autor dê um golpe enorme à obra da santificação; este último erro por encoberto que esteja, não é menos funesto que os precedentes. Talvez seja mais, porque se dirige principalmente às almas superiores, às que são destinadas a atrair as outras e a levá-las para o céu.

Maria não é o fim último de nossa devoção: ela é a intermediária, mas a intermediária da vontade de Deus, a ponto, como dizem todos os santos, que sem o amor de Maria é moralmente impossível se obter a salvação e completamente impossível chegar a perfeição.

Capítulo XXII
A palavra do fim

Caro leitor e filho dileto de Maria, que tivestes a paciência de seguir-me até o fim, a minha tarefa está terminada. Ao começar estas linhas eu era incapaz de prever até onde ia levar-me esta refutação. À vista das monstruosidades acumuladas nesta carta, ao pensamento das infâmias que ela levantava e de que queria cobrir a cândida e pura Senhora; minha alma transbordava, sentia o sangue a ferver nas veias de indignação, ao mesmo tempo que as lágrimas de meu amor filial ferido, me inundava os olhos.

Era uma tarde. Eu queria repousar, depois de ter passado um dia de um ministério fatídico. Mas, uma força invisível me impelia; alguém, que eu adivinhava sem ver, colocava entre os meus dedos a pena e, enquanto, com a mão esquerda eu segurava a estátua da Virgem Imaculada, que preside todos os meus trabalhos, meu coração se descarregava... minha alma transbordava, minha pena escrevia... escrevia sempre... e quando pela manhã o sol penetrando na minha humilde choupana de missionário, veio clarear meu trabalho, este estava quase terminado... terminado de um jato, tal como o entrego agora ao vosso amor e a vossa indulgência.

Nele encontrareis poucas referências, um documento insuficiente talvez, pois não citei autores e extratos, senão os que minha memória me lembrou na ocasião. Entretanto, os pensamentos não são meus. Habituado há muitos anos aos estudos marianos, tendo estudado e lido

quase tudo que se tem publicado (ao menos com o meu conhecimento), sobre a SS. Virgem, eu assimilei suficientemente a doutrina dos Padres, dos Santos e dos filósofos, para poder atribuir as suas luzes e a seu gênio, tudo o que poderia se encontrar de bom e de sólido nessas páginas. Eu o repito: não é um estudo aprofundado, é um – grito de alarme! – um grito de indignação e eu quisera também que fosse um grito de amor e de amor apaixonado pela mais bela, mais pura e mais santa das Virgem, pela digna Mãe de Deus!

Para quem desejar desenvolvimentos mais aprofundados, autoridades mais sólidas, em uma palavra: um estudo mais seguido e mais completo, remeto-os às minhas obras sobre a SS. Virgem, principalmente as: "Porque amo a Maria" e "Como amo a Maria", onde tenho tratado todas essas questões de uma maneira mais calma e inteiramente teológica.

Em resumo: esta triste carta, que tenho ainda sob as vistas, mas que vou fazer desaparecer para sempre a fim que a letra não descubra o autor, não conta menos de 12 erros, dos quais alguns são verdadeiras heresias, que a Igreja não hesitaria um instante em condenar, se lhes fossem submetidas.

E não se diga que são pequenos erros. Um erro pequeno no seu princípio, responderei com S. Tomas, é grande nas suas últimas conseqüências. Parece-me que já o demonstrei suficientemente, expondo as aplicações dos princípios heterodoxos e fortemente infectados de modernismo, no autor da carta.

Seria muito a propósito, aplicar a esta doutrina a nota fulminante, mas justa de sua Santidade, Pio X, na Bula

“Sacrorum Antistitum” de 25 de setembro de 1910: “Uma raça muito perniciosa de homens... não abandonaram seus desígnios de perturbar a paz da Igreja. Não cessam, com efeito, de inocular... nas veias da sociedade cristã, o veneno de suas opiniões...

Esses adversários são tanto mais a recear quanto nos tocam de mais perto. Esse flagelo se propaga consideravelmente nesta parte do campo do Senhor, de onde se deveria esperar os melhores frutos” (S. S. P. X Motu Próprio: 25 de set. 1910).

Reflita-se bem sobre essas últimas palavras; são significativas e proféticas: os acontecimentos de todos os dias as realizam por demais. Teria conseguido, com estas páginas, esclarecer algumas almas, já vítimas talvez, ou sobre a ocasião de sê-lo, de erros tão monstruosos como os contidos na carta refutada? Bem o espero. Considerar-me-ia largamente recompensado do meu trabalho, se soubesse que infiltrei no coração de alguns, um pouco mais de confiança, um pouco mais de amor pela doce e toda amorosa Rainha dos Corações.

E se tivesse conseguido introduzir numa alma, uma faixa do amor apaixonado; fazer raiar nela este entusiasmo que dá asas e não sonha senão a posse do objeto amado; senão a parecer-se com ele em tudo!

Oh! Como bendiria a doce Virgem por me ter posto nas mãos esta ordinária carta, e deste mal tirar um bem!

Ao meu adversário, peço humildemente que me perdoe, se no decurso desta refutação, me escapou alguma palavra ofensiva; queria atribuir à falta de tempo e à emoção com que tive de escrever. A divina Mãe de Jesus sabe do meu amor para com ele e do desejo de lhe ser útil.

Amo-o tanto, quanto detesto e aborreço seus erros e blasfêmias contra a Mãe de Deus. Irmão caríssimo, também antes de nos separar, aproximemos nossos corações e juntos, prostremo-nos aos pés de nossa Mãe comum, para lhe pedir um pelo outro, um amor ardente e generoso para com Ela e para com o doce Salvador de nossas almas, Jesus, nosso fim e nossa coroa!

... aproximemos nossos corações e juntos, prostremo-nos aos pés de nossa Mãe comum, para lhe pedir um pelo outro, um amor ardente e generoso para com Ela e para com o doce Salvador de nossas almas, Jesus, nosso fim e nossa coroa!

Capítulo XXIII
Maria exaltada pelos Padres

Não posso decidir-me a deixar o meu assunto sob impressões tão penosas, como as que resultam necessariamente da vista do erro. Quisera mostrar brevemente, com as palavras dos santos Padres, a idéia que esses grandes gênios faziam do culto de Maria e o entusiasmo com que falavam dela.

Eis aqui primeiramente uma passagem de Santo Epifânio, que a Igreja faz recitar a todos os sacerdotes, no novo oficio da Imaculada Conceição. “Que direi e como falarei da gloriosa Virgem Santíssima? Com exceção de Deus, Ela está acima de todos os seres: é mais bela que os Querubins e Serafins e todo o exército angélico é muito pouco para celebrá-la, mesmo com a harmonia celeste”.

Ó bemaventurada Virgem, pomba pura, esposa celeste, ó Maria! Céu, templo e trono da Divindade, vós possuis o sol resplandecente, no céu e sobre a terra, Jesus Cristo.

Nuvem luminosa para iluminar o mundo, vós atraístes do céu o mais brilhante dos astros, Jesus Cristo. Ó Mãe de Deus, ovelha Imaculada, que destes ao mundo o verbo encarnado, o Cordeiro Jesus! Ó Virgem SS., que lançais o exército dos Anjos na admiração! Uma maravilha arrebatadora aparece-nos nos céus, a mulher revestida de sol, trazendo a luz nos seus braços.

Sim, maravilha arrebatadora nos céus: o leito nupcial da Virgem sustendo o Filho de Deus. Maravilha espantosa nos céus: o Senhor dos anjos tornado Filho de uma Virgem.

Os anjos acusavam Eva; mas agora glorificam a Maria, a qual levantou Eva decaída e fez entrar no céu, Adão expulso do Paraíso. Pois Maria é a medianeira do céu e da terra unindo estes dois extremos.

A graça da Virgem é imensa. Também Gabriel começa a saudá-la dizendo: Salve, cheia de graça, céu resplandecente, salve, cheia de graça, Virgem ornada de todas as virtudes. Salve, cheia de graça, urna de ouro, contendo o maná celeste. Salve, cheia de graça, que confortais os que tem sede da doçura de uma fonte inesgotável.

Salve, SS. Mãe Imaculada, que engendrastes o Cristo, que existia antes de Vós. Salve, púrpura real, que revestistes o Rei do céu e da terra. Salve, livro incompreensível, que expusestes e explicastes ao mundo o verbo, Filho do Eterno Pai".

Acreditar-se-ia que este documento data do IV século da Igreja? Hoje que autor tem sobrepujado esses louvores? Quem os tem igualado? Já acusam-nos de exageração; que seria se falássemos a linguagem dos Santos Padres? Acham-nos muito entusiastas no nosso amor a Maria!

Mas, que entusiasmo! Que ardor nos santos Padres, quando falam de Maria... Não têm esse escrúpulo de dizer demasiadamente; nem acham que se exagera com facilidade.

Eles, antes de começarem, gemiam por causa de sua insuficiência e confessavam que a Mãe de Deus é superior a todo louvor. Esta página de S. Epifânio, como também muitas outras, escritas numa época em que o culto de Maria e sua importância doutrinal, conforme dizem

os hereges, começava apenas, podem figurar ao lado das mais entusiastas do 40.000 volumes, publicados depois, para cantar a gloria da Virgem.

Santo Epifânio era um entusiasta da Virgem Santíssima. São Cirilo não era menos no V século, como São Bernardo no século XII e Bossuet no século XVII. Nós somos entusiasmados por Maria. Praza a Deus que o sejamos cem vezes mais; não é este entusiasmo sem fundamento: o culto de Maria nada tem a recear de um estudo aprofundado; bem longe de empalidecer sob uma abundante luz, brilha com um mais vivo esplendor.

Consultem-se as atas dos numerosos Concílios, reunidos com o fim de defender as prerrogativas da Virgem; percorram-se as 200 bulas pontifícias que têm por objetivo os privilégios e o culto de Maria, desde a de Honório III, publicada em 1226, até a bula dogmática "Inefabilis Dei"; leiam-se algumas delas, pois são muitas para se ler todas; leiam-se alguns sermões de santos Padres e dos santos sobre Maria, e se fará outro conceito da Mãe de Deus.

Não se temerá mais que haja exagero, mas como os santos, quando se tiver dito tudo que se pode dizer, confessar-se-á gemendo, que não se tem dito nada... nada de tudo quanto se teria a dizer desta inefável criatura, que é a Mãe de Deus.

Mas deixemos falar ainda os Santos Padres. Para não prolongar muito estas páginas, contento-me em citar alguns textos, onde eles confessam sua incapacidade de louvar dignamente a Virgem Imaculada: será uma última prova do que eu não cessei de sustentar, isto é; que a exageração é impossível, desde que não se faça de Maria uma divindade.

“Já que não pudemos dignamente louvar a B. Virgem, veneramo-la e amamo-la tanto quanto pudermos” (S. Ildelfousa).

“Ó Virgem admirável, que nossa insuficiência para celebrar as vossas grandezas, com dignos louvores, vos sirva assim mesmo de louvor” (S. Germano de Constantinopla).

“Como minha ciência tão tenra e meu espírito tão cheio de trevas poderiam achar louvores dignos de Maria” (S. Boaventura).

“Ó Virgem, abri-me o céu, do qual tendes a chave” (S. Ambrósio).

“Pensai em Maria, invocai a Maria, que Ela não deixe vossos lábios e não saia de vosso coração” (S. Bernardo).

“Nenhum mortal está em estado de contar as glórias de Maria, de modo digno desta Virgem; nenhuma língua saberia convenientemente exprimir os mistérios compreendidos nela. Mas se nos reconhecemos incapazes de louvá-la conforme seus merecimentos, invoquemos o socorro do Espírito Santo, que a favoreceu de tantas graças e ornou suas alma dos seus dons mais preciosos” (S. Ildelfonso).

“Quanto somos fracos e miseráveis criaturas para ousar fazer o elogio da Mãe de Deus! Ainda mesmo que todos os nossos membros e todos os órgãos de nosso corpo fossem dotados da palavra, não saberíamos ainda louvá-la, como convém à sua dignidade, pois Ela é mais elevada que os céus e seus méritos são insondáveis. E nós ousamos narrar sua gloria? Levamos a este ponto a nossa presunção?” (S. Agostinho, Bispo de Hippona).

“E, porque não podemos louvar a Maria, conforme sua dignidade, devemos por temor, condenar-nos ao silêncio? Não, sem dúvida; temperando, ao contrário, nosso ardor com o temor e, tecendo destes dois sentimentos uma única coroa, ofereçamos com um santo respeito e trêmulas essas primícias à real Maria, que tanto mereceu de toda a natureza e lhe rendamos esta homenagem, como a paga de uma divida, com simplicidade e reconhecimento”. (S. João Damasceno)

“Como falarei eu de Vós, ó Virgem? Que títulos vos darei? Como meus lábios, que o fogo do Altar não purificou, publicarão Nossas grandezas? Vossa gloria mais brilhante que o resplendor dos céus, vos eleva de tal modo sobre todas as criaturas, que não há língua humana ou angélica, capaz de celebrá-la dignamente. Não, ninguém no céu ou sobre a terra, foi achado digno de abrir o livro de vossas prerrogativas, de quebrar os sete selos que o fecham”. (S. Bernardo)

“Ó meu Deus, sinto o meu coração comover-se profundamente, pensando que vou empreender o elogio de vossa Mãe, desta Mãe Augusta que nenhum homem ou anjo, pode conceber a sua sublimidade” (S. Agustinho).

Deixemos as citações que poderíamos prolongar ao infinito. Dizei-me agora, piedoso leitor, se a linguagem da carta refutada, corresponde a linguagem dos santos Padres.

Vê-se logo que são os dois contrários. Quanto estas passagens acima, estão longe deste temor de dizer demasiadamente falando de Maria, ou de exagerar tratando deste assunto!

Pelo contrário, eles se humilham e confessam a sua incapacidade de louvar e de falar dignamente de suas grandezas! Entretanto o que não têm dito? E de que sublime maneira não o têm dito?!

Nenhum autor contemporâneo os tem igualado. Citam-nos, copiam-nos... não os sobrepujam. Prova de que o nosso amor e entusiasmo pela Virgem estão longe de igualar o amor e o entusiasmo desses sublimes apaixonados pela Rainha dos Céus.

Não receiemos pois de dizer: "De Maria numquam satis! Nunca! Porque Ela sobrepuja infinitamente a todos os nossos louvores. Só temos que nos humilhar e que exclamar na nossa incapacidade, mas contudo, na nossa boa vontade:

Reine a Virgem Imaculada!

É preciso que Ela reine!

E pelo desenvolvimento deste grito é que vamos terminar estas páginas.

Como falarei eu de Vós, ó Virgem? Que títulos vos darei? (S. Bernardo)

Capítulo XXIV
Oportet Illam regnare!

(*Artigo para a "Revista dos Padres de Maria"*).

.....

Fim

Índice

Capítulo I 03
O reino de Jesus por Maria
Capítulo II 05
A Virgem e o Império de Satanás
Capítulo III 09
O excesso no culto de Maria
Capítulo IV 11
O Culto insuficiente de Maria
Capítulo V 15
O Modernismo no culto de Maria
Capítulo VI 18
Princípios do erro
Capítulo VII 22
O racionalismo alemão
Capítulo VIII 24
O entusiasmo francês
Capítulo IX 27
Os dois extremos
Capítulo X 30
A justa medida

Capítulo XI 35
O espírito dos santos
Capítulo XII 39
Os grandes homens
Capítulo XIII 43
A moderação
Capítulo XIV 46
O entusiasmo por Maria
Capítulo XV 50
O caráter francês e Maria
Capítulo XVI 52
O sensualismo no culto de Maria
Capítulo XVII 55
Os sentimentos dos Santos
Capítulo XVIII 59
Maria, o pecado e os pecadores
Capítulo XIX 65
A Virgem toda bela
Capítulo XX 70
As heresias na Igreja
Capítulo XXI 73
As devoções particulares

Capítulo XXII 78
A palavra do fim
Capítulo XXIII 82
Maria exaltada pelos Padres
Capítulo XXIV 88
Oportet Illam regnare!